

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

ANTONIA MARIS FADINI GALVÃO ABREU

VALE DA ESPERANÇA: O FENÔMENO RELIGIOSO EM UM
ASSENTAMENTO RURAL

Vitória

2014

ANTONIA MARIS FADINI GALVÃO ABREU

VALE DA ESPERANÇA: O FENÔMENO RELIGIOSO EM UM
ASSENTAMENTO RURAL

Trabalho Final de Mestrado Profissional para
obtenção do grau de Mestre em Ciências das
Religiões da Faculdade Unida de Vitória
Programa de Pós-Graduação em Ciências das
Religiões. Linha de Pesquisa: Religião e
Esfera Pública.

Orientador: Prof. MS. Wanderley Pereira da Rosa

Vitória

2014

Abreu, Antonia Maris Fadini Galvão

Vale da Esperança / O fenômeno religioso / Antonia Maris Fadini
Abreu. - Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2014.
vii, 86 f. ; il. ; 31 cm.

Orientador: Wanderley Pereira da Rosa

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória,
2014.

Referências bibliográficas: f. 81-86

1. Ciência da religião. 2. Assentamento. 3. Religião. 4. Fé. 5.
Cidadania. - Tese. I. Antonia Maris Fadini Abreu. II. Faculdade Unida de
Vitória, 2014. III. Título.

ANTÔNIA MARIS FADINI GALVÃO ABREU

**VALE DA ESPERANÇA: O FENÔMENO RELIGIOSO EM UM ASSENTAMENTO
RURAL**

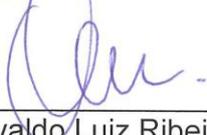
Dissertação para obtenção do grau de
Mestre em Ciências das Religiões no
Programa de Mestrado Profissional em
Ciências das Religiões da Faculdade Unida
de Vitória.



Drnd. Wanderley Pereira da Rosa – UNIDA (presidente)



Doutor Sérgio Luiz Marlow – UNIDA



Doutor Osvaldo Luiz Ribeiro – UNIDA

AGRADECIMENTO

A Deus, organizador de todas as coisas, que, na sua infinita bondade, cuida de mim e de minha família, para que eu possa sonhar e realizar tudo que me é permitido;

a minha filha Ana Luísa, grande amor da minha vida, inspiradora dos meus sonhos e tempero do meu cotidiano, que me ensina o que é o amor incondicional;

aos meus pais Antonio Fadini (*in memoriam*) e Maria Elena, incentivadores dos meus estudos, crescimento pessoal e profissional;

aos meus sobrinhos João Lucas, Pedro Vinicius e Luis Otávio, grandes amores da minha vida;

a minha irmã Andressa e meu cunhado Márcio, pelo incentivo e colaboração no desenvolvimento diário;

ao meu irmão Ângelo e a minha cunhada Angélica, pelo apoio no cotidiano;

a Arcângelo, Regina e família, casal que admiro muito;

aos professores e funcionários da Faculdade Unida, pela dedicação aos estudantes;

ao meu orientador, Prof. Wanderley Pereira da Rosa, pelas palavras de incentivo e interesse no trabalho;

ao Instituto Federal de Educação Campus Santa Teresa, instituição do meu vínculo profissional, que contribuiu com o desenvolvimento da conclusão do mestrado;

aos amigos da comunidade e do Ifes (Santa Teresa), pelas palavras de incentivo nas conversas sobre a pesquisa;

um agradecimento especial aos atores sociais, os assentados do Vale da Esperança, pela contribuição e disposição de atenderem ao desenvolvimento da pesquisa, partilhando suas experiências e vivências do cotidiano;

a todos que de forma direta ou indireta contribuíram com o desenvolvimento do trabalho.

RESUMO

Os assentamentos rurais configuram-se em espaços sociais com intensa diversidade de contextos históricos, alternando a construção da territorialidade conforme as estruturas e possibilidades de cada grupo social, possibilidades centradas em inúmeras características peculiares de cada grupo social que constrói um assentamento. Este trabalho baseia-se numa pesquisa feita em um assentamento rural no município de Santa Teresa/ES denominado oficialmente de Tomazzini, mas, por opção dos moradores, chamado de *Vale da Esperança*. O estudo visa conhecer como se comporta o fenômeno religioso no processo histórico de estruturação do assentamento e como se dão as relações entre os sujeitos e seus grupos sociais, considerando-se a trajetória histórica, o cotidiano, as formas de socialização e o movimento de lutas dos atores sociais pesquisados. O fenômeno religioso estudado caracteriza-se como socialmente importante, manifestado nas relações dos atores sociais em inúmeros registros feitos durante o trabalho. A pesquisa foi levada a efeito por meio de visitas ao assentamento, onde foram promovidas entrevistas semiestruturadas e registros no diário de campo. Os estudos, embasados no aporte teórico metodológico, apontam que, no Vale da Esperança, as atividades do cotidiano revelam a construção do espaço social centrada no fenômeno religioso investigado. As vivências do cotidiano são construídas em estreito relacionamento com aprendizados pautados em constantes atitudes de caridade, fraternidade, diálogo ecumênico e forte expressão de fé como sentimento que mantém os habitantes fortes na construção e na luta. A prática religiosa esteve presente em toda a trajetória dos assentados, em todo o processo histórico social vivido desde o acampamento, passando depois para o assentamento e permanecendo no cotidiano. Entendemos que, diante da realidade investigada no *locus* da pesquisa, onde a construção da nova vida se faz com muitos desafios, a intensa atividade religiosa compõe a construção do espaço social, relatado em inúmeras falas e depoimentos sobre a importância do bom relacionamento entre as pessoas e as duas igrejas (Assembleia de Deus e Católica) como motivadoras da harmonia na construção da comunidade. Como dizem com frequência, “*somos todos filhos de Deus*”.

Palavras-chave: Assentamento rural. Religião. Fé. Cidadania.

ABSTRACT

The rural settlements configure in social spaces with an intense diversity of historical contexts alternating construction of territoriality as the structures and possibilities of each social group, possibilities that are centered in several peculiar characteristics of each social group constructing a settlement. This work is based on a survey conducted in a rural settlement in the municipality of Santa Teresa / ES, officially called Tomazzini but by choice of the residents is called the Valley of Hope study aims to know how it behaves religious phenomena in the historical process structuring the settlement and how to give the relationships between individuals and their social groups, considering the historical trajectory, the everyday, the forms of socialization and the struggles of social movement actors surveyed. The religious phenomenon studied is characterized as an important social phenomenon, manifested in the relations of social actors in countless records made during labor. The survey was conducted through visits to the settlement where semi structured interviews and records were made in the field daily, studies, based on theoretical and methodological contribution indicate that, in the Valley of Hope, the daily activities reveal the construction of social space centered the religious phenomenon investigated. The daily experiences are built with a close relationship with learning, guided by a constant attitude of charity, fraternity, ecumenical and a strong expression of faith as a feeling that keeps them strong in construction and struggle. Religious practice has been present throughout the history of the settlers throughout the social historical process experienced since the camp before moving to the settlement and remains in daily life. We understand before reality that investigated the locus of research, where the construction of new life causes many challenges, intense religious activity comprise the construction of social space, reported in numerous speeches and testimonials about the importance of good relations between people and the two churches (Catholic and Assembly of God) as motivating harmony in community building. How often say: "We are all children of God."

Keywords: Rural settlement. Religion. Faith. Citizenship.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
PROCEDIMENTO METODOLÓGICO.....	9
COLETA E ANÁLISE DOS DADOS	10
1 O ESPAÇO DO ASSENTAMENTO E O SAGRADO	14
1.1 HISTÓRICO DO ASSENTAMENTO VALE DA ESPERANÇA	14
1.2 A ORGANIZAÇÃO DO ASSENTAMENTO	17
1.3 A EDIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADIAS	19
1.4 A ÁREA SOCIAL DO VALE DA ESPERANÇA	20
1.5 A ESCOLA NO ASSENTAMENTO.....	21
1.6 VALE DA ESPERANÇA: LOCAL DE CONQUISTAS E DESAFIOS.....	23
1.7 O COTIDIANO NO VALE DA ESPERANÇA.....	25
1.8 O ASSENTAMENTO COMO LOCAL SAGRADO	27
1.8.1 Espaço territorial	27
1.8.2 O espaço sagrado	28
1.8.3 O Vale da Esperança e o espaço sagrado	29
2 A RELIGIÃO NO ASSENTAMENTO	34
2.1 A IMPORTÂNCIA DA RELIGIÃO NO VALE DA ESPERANÇA	34
2.2 CATÓLICOS.....	35
2.2.1 Os católicos no Vale da Esperança	36
2.2.2 A construção do Templo	36
2.2.3 O culto católico	38
2.2.4 A festa de Nossa Senhora Aparecida	38
2.2.5 A missa	40
2.2.6 O almoço coletivo	41
2.3 EVANGÉLICOS	42
2.3.1 A Igreja Assembleia de Deus no Brasil	42
2.3.2 Os Evangélicos da Assembleia de Deus no Vale da Esperança	43
2.3.3 A construção do Templo	43
2.3.4 Atividades desenvolvidas na comunidade evangélica	44
2.4 RELAÇÕES INTER-RELIGIOSAS NO ASSENTAMENTO	45

2.4.1 A intolerância religiosa	45
2.4.2 Ecumenismo e diálogo inter-religioso	46
2.4.2.1 O diálogo inter-religioso no Vale da Esperança	48
2.5 A LEGITIMAÇÃO DO ASSENTAMENTO PELA RELIGIÃO	50
2.5.1 Entrevistas	50
2.6 A MÍSTICA NO ASSENTAMENTO	53
2.6.1 A prática da mística no Vale da Esperança	55
3 A RELIGIÃO E CIDADANIA	57
3.1 O PAPEL DA RELIGIÃO NA CONSTRUÇÃO DO ASSENTAMENTO	57
3.1.1 Território e territorialidade	57
3.1.2 A organização socioespacial do Vale da Esperança	58
3.1.3 A construção do núcleo de produção	59
3.1.4 Dos barracos de lona preta às residências do Vale da Esperança	61
3.1.4.1 A construção das primeiras moradias	62
3.1.4.2 A relação com a vizinhança e o respeito às famílias	64
3.1.4.3 Fé e esperança construindo o caminho	65
3.2 CONQUISTAS PESSOAIS E COLETIVAS	66
3.2.1 Expectativas, desafios e sonhos no Vale da Esperança	68
3.3 A RELIGIÃO COMPONDO A IDENTIDADE DOS SUJEITOS	68
3.4 A CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA	72
3.4.1 A cidadania no Vale da Esperança	74
3.4.2 Fazer festa para comemorar a cidadania conquistada	75
3.4.3 Cidadania e religião	76
CONCLUSÃO	78
4 REFERÊNCIAS	81
5 ANEXOS	81

INTRODUÇÃO

A proposta se baseia numa pesquisa a ser feita em um assentamento rural em Santa Teresa/ES e visa conhecer como se comporta o fenômeno religioso no processo histórico de estruturação do assentamento e como se dão as relações entre os sujeitos e seus grupos sociais, considerando sua trajetória histórica, o cotidiano, as formas de socialização e o movimento de lutas nesse assentamento.

Pretende-se, com este trabalho, compreender aspectos do fenômeno religioso relativos ao assentamento rural do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), denominado “Assentamento Tomazzini”, cujo processo de constituição no município de Santa Teresa/ES teve início em 1998.

Por meio de uma abordagem em que se possa afirmar a dimensão espiritual religiosa como fenômeno universal presente nas diversas épocas e culturas das civilizações humanas, estudar o fenômeno religioso significa não só olhar para uma importante dimensão humana, mas compreender esse fenômeno como social manifesto nas relações entre os grupos sociais de que fazem parte os indivíduos.

Reconhecidamente o fenômeno religioso compreende em suas dimensões a característica de impulsionar os seres humanos, suscitando uma dinamização na busca de suas realizações e superação de seus limites. As experiências religiosas vivenciadas pela humanidade despertam interesse ao longo dos tempos e o fenômeno religioso encontra-se presente na História, exercendo influências na construção da sociedade moderna.

Estudos apontam a ocorrência, em assentamentos rurais, da diversidade religiosa e essa pluralidade confere ao assentamento características específicas de acordo com cada ator social envolvido no seu processo de consolidação. Afinal, todo assentamento rural congrega diversos atores sociais oriundos de vários segmentos da sociedade com história e saberes diferenciados. Cada ator social é detentor de origem cultural, social, política, econômica e religiosa própria. Após serem assentados, os habitantes passam a conviver como comunidade, muitas vezes sendo vítimas da ausência de políticas públicas específicas para esse tipo de nicho social. Diante do exposto, a questão motivadora desta pesquisa centra-se em uma investigação que busca desvelar como tem sido o potencial de socialização das religiões na trajetória histórica e no cotidiano de um assentamento rural.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

No desenvolvimento da pesquisa, pretende-se utilizar a metodologia qualitativa, por esta não permitir que os resultados sejam encontrados por meio de olhares isolados, fragmentados ou estanques. Segundo Triviños, a pesquisa qualitativa se desenvolve na interação dinâmica, retroalimentando-se e reformulando-se constantemente.¹ Sobre as pesquisas qualitativas, Alves-Mazzotti e Gewandszajder afirmam:

A principal característica da pesquisa qualitativa é o fato de que estas seguem a tradição ‘compreensiva’ ou interpretativa. Estas pesquisas partem do pressuposto de que as pessoas agem em função de suas crenças, percepções, sentimentos e valores e que seu comportamento tem sempre um sentido, um significado que não se dá a conhecer de modo imediato, precisando ser desvelado.²

Portanto, os métodos qualitativos têm sido utilizados para explicar e descrever fenômenos. Para Lüdke e André, nesse tipo de pesquisa, os fenômenos devem ser estudados no ambiente em que ocorrem naturalmente, sem manipulação intencional do pesquisador.³ Ressalta-se também que na pesquisa qualitativa o pesquisador deve ter contato direto e sucessivo com o local da pesquisa e a situação a ser investigada, com o cuidado de respeitar os princípios éticos envolvidos num trabalho de pesquisa.

Para atingir os objetivos propostos nesta pesquisa, será feito um estudo de caso do tipo etnográfico. Martins⁴ e Yin⁵ caracterizam o estudo de caso como um tipo de pesquisa científica na qual o pesquisador está interessado em aproveitar o conhecimento de determinada situação – um caso – para levantar o problema e desenvolver a pesquisa. Segundo Yin, o estudo de caso é uma pesquisa empírica de fenômeno contemporâneo num contexto da vida real, com certa indefinição de limites entre fenômeno e contexto.⁶

Yin⁷ enfatiza ainda que o estudo de caso aparece como um dos caminhos mais escolhidos em pesquisas que buscam responder a questões do tipo “como” e “por quê”. Portanto, esta pesquisa ancora-se em uma investigação de cunho qualitativo, e ainda do tipo

¹ TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: A pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987, p. 137.

² ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith e GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira, 1998, p. 131.

³ LUDKE, Mengar e ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. *A pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: E.P.U, 1986.

⁴ MARTINS, Gilberto de Andrade. *Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

⁵ YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

⁶ YIN, 2001.

⁷ YIN, 2001.

etnográfica, por requerer certa profundidade de análise, exigindo um caráter de amplitude e integração, dentro de um contexto considerado complexo, o que, para Lakatos e Marconi, exige do pesquisador um contato mais próximo e de tempo maior com os sujeitos ou grupos sociais, bem como com o local e com a questão a ser investigada.⁸

COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Nos caminhos a serem trilhados, considerando a metodologia proposta, serão efetuadas uma revisão bibliográfica, procedimentos de trabalho em campo, análise documental e análise dos dados coletados para posterior divulgação dos resultados.

A revisão bibliográfica possibilita o aporte teórico na condução de todas as etapas da pesquisa. André enfatiza que a teoria tem fundamental importância na formulação do problema, na estruturação das questões orientadoras e na fase de trabalho de campo. É nessa etapa que surgem pistas que conduzem a novas formulações, perspectivas e hipóteses. É o momento em que o pesquisador dialoga com a teoria, para rever princípios e procedimentos, e refazer os ajustes necessários.⁹

No trabalho de campo, os instrumentos de coleta de dados devem estar coerentes com o tema e a área de investigação. Nas Ciências Humanas e Sociais temos como técnicas mais usadas a observação, a entrevista, o questionário e o diário de campo, instrumentos que serão utilizados nesta pesquisa.

Atentando para o que diz Duarte, as pesquisas qualitativas exigem a realização de entrevistas, portanto a seleção dos sujeitos que vão compor o universo de investigação é algo primordial, pois a qualidade e profundidade das informações que nortearão a construção das análises para chegar à compreensão mais ampla do problema delineado presume um desempenho efetivo dos sujeitos em todas as fases da pesquisa, considerando que é na relação entre pesquisador, sujeito e objeto de estudo que está assentado grande parte do trabalho de campo.¹⁰

⁸ LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia científica*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

⁹ ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 1995.

¹⁰ DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. *Cadernos de Pesquisa*, março/2002 n. 115, p. 139-154.

A *a priori* serão considerados sujeitos desta pesquisa todos os agentes sociais que vivenciaram ou vivenciam no cotidiano os pressupostos do fenômeno religioso presentes no Assentamento Tomazzini. Importante ressaltar que, para a definição dos sujeitos, deverá ser estruturado um planejamento, revelando a estes a proposta e os objetivos da pesquisa.

Duarte, ao abordar a questão da delimitação de sujeitos a serem entrevistados, esclarece que, na metodologia de pesquisa qualitativa, a quantidade de sujeitos que comporão o quadro das entrevistas dificilmente pode ser definida *a priori* – isso depende da qualidade das informações obtidas em cada depoimento, assim como da profundidade e do grau de recorrência e divergência dessas informações.¹¹

Na etapa de observação, serão acompanhados e registrados os diversos comportamentos dos sujeitos da pesquisa, para posterior seleção dos eventos considerados mais significativos, de acordo com os objetivos propostos. Para melhor desempenho dessa ação deverá ser elaborado um roteiro auxiliar nessa etapa, considerando o cuidado em registrar os fatos ocorridos e que estes venham a contribuir no complemento e confronto com os dados coletados nas demais etapas da pesquisa. Considerando que o processo de observação constitui-se num instrumento importante na coleta de dados, dentre os tipos de técnica de observação definidas, para os objetivos desta pesquisa será relevante a observação participante, que, segundo Lüdke e André, possibilita a aquisição de maiores informações sobre os participantes da pesquisa, possibilitando documentar o cotidiano dos sujeitos envolvidos.¹²

Quanto às entrevistas, estas se diferenciam da observação por permitirem a instituição de uma relação de interação entre o pesquisador e os sujeitos, principalmente se forem do tipo semiestruturado, que não exige um padrão rígido de questões a serem seguidas.¹³ Concordando com os autores, a utilização desse instrumento para coleta de dados nesta pesquisa permitirá perceber procedimentos, conflitos e estratégias que conduzem os comportamentos dos sujeitos que fazem parte do universo a ser investigado, pois a entrevista possibilita coletar representações, crenças, opiniões, valores, expressões de sentimentos e outras informações relevantes dos sujeitos, durante sua execução. As entrevistas possibilitarão o aprofundamento das situações percebidas na etapa de observação.

O diário de campo é uma ferramenta que permite ao pesquisador fazer registros e observações cotidianas, reflexões e relatos de fatos importantes relacionados com a

¹¹ DUARTE, 2002, p. 139-154.

¹² LUDKE, 1986.

¹³ LUDKE e ANDRÉ, 1986.

investigação, tomando-se o cuidado de registrar o que se entende necessário para responder ao problema de pesquisa. O diário de campo é tido como principal instrumento de trabalho de observação, onde são feitos os registros que não fazem parte do material formal no processo de coleta de dados. Lüdke e André acrescentam que, quanto mais próximo do momento da observação for feito o registro, maior sua acuidade.¹⁴

A análise documental deve ser considerada indispensável porque aproxima o pesquisador de fontes que podem ser entendidas como base para o trabalho de investigação. Ela permitirá complementar as demais formas de coleta dos dados utilizadas, como as entrevistas e os questionários. O acesso aos documentos será por meio de mecanismos requeridos a cada momento e circunstância que forem necessários, respeitando as normas e critérios de confiabilidade e credibilidade, de acordo com a organização do Assentamento Tomazzini.

Sob o ponto de vista metodológico que se preocupa com o processo de construção do conhecimento de forma que seja uma produção social, a análise dos dados será estabelecida buscando analisar as informações adquiridas de maneira dialética, através da revisão bibliográfica, da análise documental, das entrevistas e questionários, das observações feitas no cotidiano do assentamento, procurando estruturar as categorias descritivas, com a preocupação em contemplar com qualidade, a maior quantidade de informações possíveis dentro dessas categorias de análise.

Para maior compreensão da construção dessas categorias de análise, essa ação será teoricamente orientada por leituras de Bardine Franco, para quem a categorização classifica elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação,¹⁵ que em seguida se reagrupa baseado em analogias, a partir de critérios definidos.¹⁶

Nessa etapa há uma exigência importante com relação ao trabalho do pesquisador, no sentido de assegurar uma sólida articulação entre a teoria e a prática observada no *locus* da pesquisa. Segundo Araújo, exige-se do pesquisador “sistematização e organização das informações coletadas, identificação dos pontos de convergência ou divergência, conformidade com o problema elaborado e com os procedimentos previamente escolhidos”.¹⁷ A partir da reflexão e análise dos dados revelados durante o processo de investigação, será feita a interpretação e efetivação da construção do documento final, que divulgará os

¹⁴ LUDKE, 1986.

¹⁵ BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

¹⁶ FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. *O que é análise de conteúdo*. Brasília, Líber Livro Editora, 2. ed., 2005.

¹⁷ ARAÚJO, V. C de. *Introdução à metodologia científica*. Vitória: UFES/NE@AD, 2009, p. 53.

resultados da pesquisa, atentando para os objetivos propostos, bem como para a comprovação da hipótese formulada. Posteriormente serão socializados, trazendo possíveis contribuições ao campo das Ciências Humanas e Sociais, conforme o objeto de estudo em questão, e revelando outros desdobramentos que podem ser empreendidos dentro da temática abordada.

1 O ESPAÇO DO ASSENTAMENTO E O SAGRADO

Todo jardim começa com uma história de amor, antes que qualquer árvore seja plantada ou um lago construído é preciso que eles tenham nascido dentro da alma. Quem não planta jardim por dentro, não planta jardins por fora e nem passeia por eles.

Rubem Alves

1.1 HISTÓRICO DO ASSENTAMENTO VALE DA ESPERANÇA

O assentamento Tomazzini, chamado pelos moradores de Vale da Esperança, é resultante de uma série de ocupações do Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST)¹⁸ do Espírito Santo. O período de 1995 a 1997 foi marcado na história do estado por intensas lutas e conflitos na busca da sonhada terra prometida. Essa construção está centrada na dinâmica de ações em que os trabalhadores sem terra promovem ocupações e fazem acampamentos. Na luta pela terra, acampar é determinar um lugar, em um momento transitório para transformar a realidade. Conforme afirma Fernandes, o militante do MST não se caracteriza por um desafio isolado, individual, mas pelo sentimento coletivo. Quando os sem-terra tomam a decisão de acampar estão questionando o modelo político que os exclui da condição de cidadãos. O acampamento se constitui em um espaço marcado por grandes desafios, perpassando diversos conflitos que abrangem o aspecto econômico, o político e o social.¹⁹

A trajetória dos atores sociais do Vale da Esperança se faz nessa conjuntura da história do estado do Espírito Santo, no ano de 1997, quando foi feita uma ocupação organizada pelo MST, na Fazenda Boa Vista, em Conceição da Barra. De acordo com relatos ali havia uma grande pressão dos poderes locais, que agiam com muita violência, mas o MST manteve o acampamento, enquanto esperava e negociava novas áreas para assentar as famílias a fim de desocupar o local, perdido por determinação judicial. O MST iniciou uma longa batalha com o governo com o intuito de conseguir áreas desapropriadas para assentar as famílias lá acampadas. Foi assim que, no dia 16 de abril, o MST deslocou da Fazenda Boa Vista cerca de 250 famílias para a Fazenda Rancho Alegre, em Pinheiros, com mesmo

¹⁸ MST Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra, que surge na década de 1980, sendo integrado e constituído pelo movimento das pastorais da Igreja Católica embasado na Teologia da Libertação.

¹⁹ FERNANDES, Bernardo Mançano. *A formação do MST no Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000, p. 19.

desfecho político da ocupação anterior, tendo os juízes dado reintegração de posse ao proprietário. Dessa vez os sem terra resistiram e permaneceram na área ocupada.

Após longo período de espera, o MST consegue junto ao governo a compra de propriedades que seriam disponibilizadas para Reforma Agrária. A dinâmica empregada pelo movimento para alocação nos futuros assentamentos consiste em sorteios entre as famílias acampadas, e assim foi feito. Conforme afirma Pizetta, as famílias foram encaminhadas, “após ser feito o sorteio, que iriam compor a saga do Vale da Esperança partiram para a fazenda Tomazzini, com 394 hectares, no município de Santa Teresa. A área já estava com decreto de desapropriação e as famílias nela permaneceram.”²⁰

A chegada ao assentamento (Figura 1) não foi fácil. As famílias saíram de Pinheiros durante a tarde e fizeram o percurso subindo a Serra de Fundão, ES durante a noite, em uma viagem longa com trajeto totalmente desconhecido. As incertezas e os desafios preenchiam os sentimentos daquelas pessoas, conforme anotações no diário de campo:

Quando começamos subir a serra ficamos muito assustados já que estávamos acostumados nas regiões planas do norte do Estado, logo observamos que naquelas montanhas tinha muitas frutas plantadas como banana, laranjas e outras entre nós pensamos a terra é boa e dá para plantar, e assim continuamos a viagem, quando chegamos ao Vale da Esperança já era madrugada, estávamos cansados nos arrumamos de qualquer jeito e descansamos. (Fragmento do diário de campo, 21/6/2013)

No dia seguinte, iniciar-se-ia uma nova fase na vida daquelas pessoas, e também de todos os envolvidos no processo de construção dessa nova história. De acordo com relatos, para muitos parecia impossível sobreviver naquelas montanhas. Os indivíduos foram consumindo seus sentimentos e organizando como podiam as primeiras formas de sobrevivência no local. Os desafios eram de tamanha grandeza que não havia muito tempo para pensar, naquele momento, como seria o amanhã. O que sabiam era que dentro de cada um havia enorme esperança de um futuro melhor.

Iniciou-se a edificação do espaço territorial do assentamento, com a construção das barracas de lona preta, como no acampamento, já que não havia residências na fazenda para todos, caracterizando um novo momento de luta para o futuro que seria a construção das habitações. A vida das famílias no assentamento foi marcada por grandes conflitos e desafios, a batalha era constante, de acordo com informações registradas no diário de campo. Na fala dos militantes, somente acreditando muito e tendo muita fé e a ajuda de Deus conseguimos sobreviver a todas as dificuldades.

²⁰ PIZETTA, Adelar João. *A questão agrária e o MST no Espírito Santo*. São Mateus: Fundação Pequeno-Holanda, 1999, p. 45.

Dentre todos os desafios dos assentados, o mais complexo a princípio foi a relação com os moradores das propriedades vizinhas. Em função das informações obtidas pela imprensa, os vizinhos viam os assentados como ameaça à ordem e evitavam qualquer tipo de aproximação. Relatos do diário de campo de moradores da vizinhança mostram que esse foi um momento muito complicado: ninguém sabia o que estava acontecendo e quem eram aquelas pessoas que amanheceram na fazenda e construíram barracas de lona. Supunha-se que tinham invadido o local e queriam tomar a fazenda, o que não era verdade, porque a propriedade havia sido desapropriada pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) para fins de Reforma Agrária.²¹ Tal falta de informação geraria um problema entre os moradores, que, só com o passar do tempo e o aprimoramento das relações, foi se resolvendo. Atualmente os moradores relatam alguns acontecimentos com uma leve pitada de humor, como descreveram em uma das anotações no diário de campo:

Hoje, ta tudo mais fácil graças a Deus, mas quando chegamos, precisava ver, quando o pessoal via a gente saía todo mundo correndo, um dia um senhor quase se matou correndo de bicicleta e foi avisando a todo mundo que não fosse lá porque tinha um povo muito perigoso e ninguém sabia o que eles podiam fazer. (fragmento diário de campo, 24/9/2013).

Com o passar do tempo as relações foram ficando mais serenas, os moradores perceberam que ali estavam trabalhadores rurais e isso era muito importante na redondeza, já que os descendentes de imigrantes italianos, como é o caso da vizinhança do assentamento, valorizam muito essa prática do “trabalhador” rural, observando que os assentados se organizavam para plantar e conhecer a região, sempre dispostos a ajudar, como na prestação de serviços a terceiros,²² prática necessária aos moradores do assentamento, garantindo a sobrevivência enquanto suas plantações não se tornam produtivas.

²¹ INCRA, órgão governamental que administra a questão agrária no Brasil.

²² Essa atividade consiste em trabalhar em outra propriedade como diarista, recebendo a renda necessária para a sobrevivência, enquanto aguardam que os seus cultivos deem frutos.



Figura 1: Placa de identificação do assentamento

1.2 A ORGANIZAÇÃO DO ASSENTAMENTO

A organização do espaço territorial dos assentamentos não se faz aleatoriamente. No estado do Espírito Santo a organização segue orientações básicas de distribuição dos espaços, constantes da publicação do MST *Construindo o caminho*,²³ que prescreve a distribuição do espaço territorial em um Núcleo Habitacional caracterizado pelo agrupamento de moradias entre 15 e 20 famílias; uma Área Social, destinada à construção de um local de festas, reuniões, galpões, atividades esportivas, escolas e celebrações religiosas; a Área de Produção, espaço destinado aos módulos de produção, com o intuito de desenvolver as atividades econômicas dos assentados; e um Núcleo de Base, responsável pela gestão do assentamento. Todos compõem o núcleo, mas elegem-se coordenadores, indicados entre os assentados, para gerenciar as atividades.

Como já foi dito, os assentados do Vale da Esperança chegaram à Fazenda Tomazzini no mês de setembro de 1997, mas a organização do assentamento só aconteceu em dezembro desse ano. O espaço foi dividido conforme a dinâmica de distribuição feita pelo INCRA, juntamente com o MST, configurando-se partir daí o que chamo de a saga dos

²³ MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA – MST. *Construindo o caminho*. Julho de 2001, p. 73-83.

moradores do Vale da Esperança. As terras do Assentamento Tomazzini estão distribuídas da seguinte forma: na área menos montanhosa encontra-se o Núcleo Habitacional, composto por três grupos de casas (grupo 1, 2 e 3), com o objetivo de aproximar as moradias; no centro do Núcleo Habitacional está localizada a Área Social, e os módulos de produção estão distribuídos em torno das casas e da Área Social, na região mais montanhosa do assentamento. Existe também no território uma grande extensão de reserva ambiental, mantida com muito zelo pelos moradores. Devemos ressaltar que as divisões devem ser feitas de modo a viabilizar a aproximação das casas, sem implicar em distanciamento dos módulos de produção.

O Núcleo de Base também foi organizado nesse período. Foram eleitos representantes para cada grupo de casas e todos trabalham juntos pela manutenção e organização do local. É importante ressaltar que o núcleo funciona como uma entidade de ligação entre passado e futuro, ou seja, a luta pela terra e na terra, já que os representantes mantêm uma ligação muito forte com todos os acontecimentos e atividades propostas pelo MST, como encontros, comemorações e formação, entre outras.

Na Fazenda Tomazzini existiam seis famílias de meeiros, procedimento adotado nas propriedades rurais brasileiras, conhecido também como parceria agrícola.²⁴ Essas famílias foram as primeiras a se relacionar com os assentados que ali chegaram, e registros no diário de campo revelam que a falta de informação dificultou as relações sociais nesse primeiro momento. Os moradores não sabiam quem eram aquelas pessoas e passaram alguns dias observando-as, com muito medo. Com o passar dos dias aproximaram-se e as rusgas foram sendo substituídas por um convívio mais amplo.

O fato é que os meeiros não sabiam que suas vidas também mudariam: passariam das condições em que viviam a proprietários das terras onde trabalhavam, pois faz parte do programa de assentamento contemplar com a reforma agrária as famílias que moram no local da ocupação, o que as transforma de parceiros em pequenos produtores rurais.

O nome oficial do assentamento é “Tomazzini”, mas em função das características montanhosas da região, os moradores preferem chamá-lo de Vale da Esperança, sentimento que move um povo guerreiro e lutador como o militante sem terra do MST. Sobre o sentimento de esperança nas lutas, afirma Bogo:

A esperança na História das lutas é uma chama que em determinados períodos diminui de tamanho, mas não morre. Continua lá. Com a mesma quentura, a

²⁴ A parceria é comum na história da produção no campo do Brasil, e se caracteriza pela produção, para o proprietário e para a própria sobrevivência, de famílias que moram na propriedade.

esperança de um impulso para erguer-se e iluminar o caminho de quem acredita na possibilidade de construir a felicidade com todas as mãos e corações interessados a viver a dignidade.²⁵

De acordo com os relatos do diário de campo, foi com muita fé, esperança e desejo de prosperar que conseguiram realizar o sonho de terem uma terrinha, como dizem, para construir suas casas, cultivar seus alimentos, criar filhos, ter um lugar só seu, vislumbrando na posse da terra a esperança de um futuro melhor. Como vemos, não foi nenhuma casualidade que aquele local de nome oficial "Tomazzini" seria chamado pelos moradores de "Vale da Esperança".

1.3 A EDIFICAÇÃO DO NÚCLEO DE MORADIAS

Como já relatamos, quando chegaram ao Vale da Esperança não existiam residências, fato que tornaria os desafios ainda maiores. Para se abrigar usaram todos os recursos disponíveis na propriedade, mas o que predominou foi a construção das barracas de lona preta, o que deu margem a uma interpretação tortuosa por parte dos moradores dos arredores, que enxergaram uma invasão. Afinal, as barracas de lona preta lembravam um acampamento e não uma propriedade comprada pelo INCRA para reforma agrária.

O núcleo de moradia se caracteriza pela distribuição das habitações em conjuntos de 15 e 25 casas, chamadas de agrovilas. No Vale da Esperança existem três conjuntos de casas, opção adotada para favorecer o desenvolvimento da infraestrutura do local, mas também para manter as famílias mais próximas. De acordo com estudos, quando as famílias se isolam em seus lotes, torna-se mais difícil a relação, pois a consciência social é fruto do convívio social, também muito importante para manter os militantes mais próximos. Isso dá seguimento a suas conquistas, tendo em vista o muito a fazer para alcançar os objetivos e pretensões dos assentados.

Permaneceram morando nas barracas até o momento em que foi liberado o fomento para construção das casas. Somente dois anos no lócus da pesquisa é que foram contemplados com o fomento para a edificação das moradias.

²⁵ BOFF, Leonardo; BETTO, Frei; BOGO, Ademar. *Valores de uma prática militante*. Cartilha Nº 9, São Paulo: Consulta Popular, 2000, p. 63.

As moradias construídas são confortáveis e motivo de orgulho para os moradores, com características das habitações modernas. Composto a arquitetura, as varandas, típicas das construções rurais, estão presentes em quase todas as residências, traço ligado à origem do campesinato. Nessas varandas, à tarde, as pessoas se reuniam para conversar. Em torno das residências, além de jardins e hortas, criam-se animais de pequeno porte para o consumo doméstico, e havendo excedente, desenvolve-se o sistema de trocas e distribuição com a vizinhança (Figura 2).



Figura 2: Fotos do núcleo habitacional, área social e área de produção

1.4 A ÁREA SOCIAL DO VALE DA ESPERANÇA

A área social do *locus* da pesquisa é um ambiente muito importante na vida dos atores sociais envolvidos no processo de construção no Vale da Esperança. A escolha de sua localização obedeceu à orientação do MST. Foi escolhida e marcada no centro do espaço territorial, na área do núcleo habitacional, próxima a este, e muitas vezes se mesclando com ele. As edificações da área social hoje são: uma escola municipal; uma quadra poliesportiva em fase de acabamento, aguardando decisão dos poderes locais para conclusão; um galpão, edificação adaptada pelos próprios moradores, também em fase de acabamento. De acordo com o diário de campo, o lugar, feito com o esforço de muita gente e com fé em Deus, ainda vai acabar de ser construído. Nessa edificação são promovidos eventos dos moradores, como reuniões, festas, cursos e outros. Marcando o espaço sagrado no núcleo, iniciou-se a construção de duas igrejas, uma católica e uma evangélica, de denominação Assembleia de Deus, ambas em fase de conclusão.

Observamos que a área social assinala um aspecto fundamental na vida dos atores sociais do Vale da Esperança: festas, reuniões e comemorações são promovidas ali.

Atualmente o assentamento tem sido palco de vários estudos, e todas as vezes que recebem visitas, estas são recebidas nessa área, motivo de orgulho dos moradores, com várias anotações registradas no diário de campo: “Veja bem, quando chegamos tinham medo da gente. Agora vêm visitar e estudar a gente. Olha como a vida é engraçada, a gente gosta de receber as pessoas, porque elas podem ver como é a vida aqui.”

1.5 A ESCOLA NO ASSENTAMENTO

Desde a chegada, a escola representa para os moradores um local importantíssimo. No começo era um espaço muito pequeno (figura 3), uma edificação antiga construída nos moldes tradicionais para atender as crianças da antiga fazenda, mas foi nesse espaço que durante muito tempo os atores sociais do Vale da Esperança faziam todas as atividades de socialização, conforme registro em diário de campo:

Graças a Deus nós tínhamos aquele espaço, mas não era como hoje, grande e bonita, era um lugar pequeno, mas tudo era feito lá, as professoras davam as aulas, a gente se reunia para tomar as decisões, para organizar as coisas que tinham que ser feitas, a gente também se reunia para fazer as nossas celebrações, tudo era feito naquele pequeno espaço... (fragmento do diário de campo, 22/6/2013).

A escola desempenha um papel muito importante na dinâmica de construção dos assentamentos rurais, sendo responsável por parte do processo de constituição e manutenção da lembrança da luta pela terra. Conforme Caldart, a escola atua com funções determinantes dentro do assentamento:

A escola desempenha duas tarefas específicas básicas: a primeira diz respeito à construção do estudo na construção na conformação dos sem terra e a segunda diz respeito às novas gerações, para quem é preciso garantir um tipo de socialização das crianças que permita a estes sujeitos vivenciar a pedagogia do Movimento desde as características, necessidades e desafios específicos de convivência com seus iguais.²⁶

Observamos que é grande o comprometimento das professoras com as propostas de vivenciarem a luta, mantendo viva a lembrança daqueles que viveram todo o processo de conquista do local. De acordo com o diário de campo e na fala das educadoras, deve

²⁶ CALDART, Roseli Salete. *Pedagogia do Movimento Sem Terra*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 240-241.

permanecer vivo na memória de todos tudo o que passaram para chegar até ali, tarefa reconhecida pelos moradores do Vale da Esperança.

A escola se manifesta como local intermediador das atividades da comunidade, pois é nela que as crianças e jovens devem enxergar os valores e o nível de organização da comunidade. De acordo com Freire:

A escola possui tarefas educativas e políticas, deve ajudar os homens e mulheres do Brasil a exercer o direito de estar de pé, no chão, cavando e retificando o chão, fazendo com que o chão produza melhor, isso constitui direito e dever do cidadão e a educação é uma das portas, ou uma das chaves para abrir estas portas.²⁷

A escola do Vale da Esperança é, mesmo com todas as dificuldades de uma escola pública, um local mediador e transformador das realidades, com dinamicidade representada em todas as atividades. Como podemos observar, ela não atuou somente no início da construção do local, mas foi crescendo junto com a história dos sujeitos sociais, conforme relatos registrados no diário de campo:

A escola representa a nossa vida na comunidade, as professoras fazem tudo o que podem para ajudar, as atividades com as crianças são muito boas, fazem muitos trabalhos, como festas, teatros, tem a biblioteca, lá as portas não ficam fechadas, em tudo o que precisamos elas ajudam a gente, quando a gente quer fazer um encontro, por exemplo, é lá que ele acontece. Quando tem um curso também é lá, e quando fazemos nossas festas... Nem quero pensar se ela não existisse, como ia ser a nossa vida aqui. (fragmento do diário de campo, 22/6/2013).

Constatamos que a escola exerce com grande êxito o papel socializador dentro do assentamento, e o cuidado com esse espaço por parte da comunidade é muito importante, conforme registros no diário de campo de um morador que falou com muito orgulho: “O pessoal da Secretaria da Educação, quando vem aqui, sempre elogia a escola, ela permanece conservada, pois desde a sua reforma nunca ninguém destruiu nada nem riscou as paredes e nem pode, tem que conservar”.

Atualmente (figura 4), a escola foi reformada pela Secretaria Municipal de Santa Teresa, e por decisão dos moradores e das professoras, passou a se chamar Escola Estadual Unidocente de Ensino Fundamental “Maria Julita”, em homenagem a uma estudante do curso de Educação de Jovens e Adultos (EJA) que havia falecido. Funciona no mesmo local a Educação Infantil, que tem a prefeitura como entidade mantenedora e se chama “Vale da Esperança”. De acordo com relatos, a atual escola foi construída a partir da antiga escolinha.

²⁷ FREIRE, Paulo. *Um educador do povo*. 3 ed. São Paulo: ANCA, 2002, p. 40.



Figura 3: antiga escola



Figura 4: escola atual

1.6 VALE DA ESPERANÇA: LOCAL DE CONQUISTAS E DESAFIOS

Conquistar a terra é tarefa muito desafiadora. A categoria de militante e a luta pela terra situam os sujeitos sociais na condição de acampados, e nesse momento tudo o que se vive é o transitório. Não há muito que escolher: a luta proporciona aos indivíduos a condição de iguais, estão todos unidos em busca da terra prometida, e o assentamento representa o ponto de chegada, mas também o ponto do recomeço.

Esse recomeço se caracteriza pelo enfrentamento de entraves complexos, que somente ao longo do tempo vão sendo resolvidos, e as conquistas vão surgindo. A terra é o item essencial na luta pela Reforma Agrária, mas ela só não basta. São necessários outros elementos, como alimentos, educação, saúde, lazer, cultura, infraestrutura, política agrícola, tecnologia, etc. No Vale da Esperança, todos esses desafios vêm sendo encarados com muita determinação. O assentamento está localizado em local de difícil acesso e a estrada não é pavimentada, o que dificulta a locomoção dos moradores. Também não existe transporte público, a saída do local se dá por carona no transporte escolar, o que, segundo registro no diário de campo, levou os moradores ao objetivo da compra de veículo próprio para locomoção. Graças a Deus, quase todo mundo já o tem.

As famílias que compõem assentamentos têm histórico de vida diferenciado cultural, social e economicamente. No Vale da Esperança não foi diferente, mas observamos que tais diferenças não impediram que o projeto maior de cada um se concretizasse, configurado na permanência e na estruturação daquele local como um vale sagrado, conforme registro no diário de campo:

A gente tem tanta história pra contar que dá um livro... Pra sobreviver, só mesmo Deus pra ajudar, tinha que ser forte, tinha muitas crianças e a gente tinha que dar para eles comerem o que tinha ali. Os que chegaram junto com a gente comeram muita banana misturada com leite, até a gente colher o que plantamos. É por isso que falo hoje, está bem, quase todo mundo tem seu carrinho ou moto, os vizinhos tratam a gente com mais respeito, temos nossas casas e tenho certeza que ainda vai melhorar, tem muita coisa pra fazer, mas devagarzinho vamos conseguindo... Acho que foi Deus que nos trouxe aqui... (fragmento do diário de campo, 24/9/2013).

Observamos que estruturar as áreas de produção constituía uma tarefa de urgência, e assim foi feita. O município de Santa Teresa, por tradição, cultivava o café e não foi diferente com os produtores do assentamento, que, integrados ao modelo de produção, foram edificando seus espaços de cultivo. Atualmente são produtores de café e pimenta-do-reino, mantendo a tradição da origem dos assentados. Hoje em dia ocorre uma pequena alternância na produção, com a inserção de novos cultivos. Existe no assentamento a produção para o autoconsumo,²⁸ prática comum no campesinato brasileiro. Essa atividade proporciona uma relação interpessoal de troca entre os produtos cultivados.

Com o passar do tempo, os atores sociais foram criando e conquistando espaços, conforme registro no diário de campo. Na fala dos assentados, hoje o poder local, representado pela prefeitura, reconhece e dá mais valor à gente. Observa-se grande felicidade nos assentados com a dinâmica dos representantes da prefeitura, que consiste em ir ao assentamento para reuniões, buscando saber do que precisamos. Os assentados revelam que o sentimento que os mantém é a esperança, e conforme registro em diário de campo, em uma dessas reuniões foram prometidas várias melhorias no local:

O pessoal da prefeitura fica muito feliz de vir aqui, falaram até que todas as reuniões deveriam ser feitas assim, isso é um orgulho pra gente, pensa bem, depois de tudo que passamos, falaram que as coisas vão melhorar, estamos esperando. O que queremos não é muito: um postinho de saúde, porque a gente precisa, e estradas, pois também, quando chove, não podemos sair daqui, e fomos pedindo mais algumas coisas, vamos ver o que acontece. (fragmento do diário de campo 24/9/2013).

Esse sentimento de espera e esperança se revela muito aguçado nesses atores sociais, talvez pelo hábito da luta e da militância. De acordo com registros, o militante não desiste nunca e está sempre preparado para lutar e defender os *companheiros*, devendo-se sempre pensar naqueles que ainda estão “na lona”. Sobre o militante, afirma Bogo:

²⁸ Produção para o autoconsumo é caracterizada pelo cultivo de pomares e hortas caseiras para o consumo da família.

Militantes: mulheres e homens em cada ação fazem-se a si próprios e a organização. Tem ela o jeito de seus passos, o carinho de seus gestos e a acolhida de seus braços. Confundem-se em suas identidades, que ao não poder vê-los a sociedade, procura seu perfume em cada marca da saudade. Quanto mais gente, mais força e esperança.²⁹

Observamos que mesmo depois de dezesseis anos de assentados, com todo um histórico de luta e conquistas, os sujeitos mantêm viva a esperança do militante em tudo o que fazem, desde projetos simples de vida até os que envolvem todo o grupo social do Vale da Esperança.

1.7 O COTIDIANO NO VALE DA ESPERANÇA

Vivemos em um tempo em que as relações humanas passam por inúmeras e profundas transformações. O mundo moderno determina comportamentos que comprometem as relações interpessoais. A luta pela sobrevivência no modelo econômico capitalista parece que destrói os sentimentos de ajuda, solidariedade, companheirismo, amor, justiça e preocupação com o outro, fator que origina uma sociedade egoísta. O individualismo, na versão de estudiosos, caracteriza o período em que vivemos.

Felizmente essa característica da sociedade humana não se define como verdade acabada. Ao longo desta pesquisa, nas inúmeras visitas ao Vale da Esperança, o que observamos naquele lócus são relacionamentos baseados no cuidado com os companheiros. Esse cuidado se revelou em inúmeros registros no diário de campo. Quando da indagação sobre a prestação de serviços a terceiros, atividade que gera renda extra em dias mais difíceis, registramos a seguinte fala:

A gente não tem trabalhado muito mais nas terras dos outros, agora nós estamos com pouco tempo, o nosso sítio dá muito trabalho, o café precisa da gente ta dentro dele quase todo dia e ainda tem a pimenta, mas também tem nossos companheiros, quando eles precisam a gente ajuda e é assim quando precisamos, por algum motivo eles também ajudam a gente na roça. (fragmento do diário de campo, 22/9/2013).

Esse comportamento e vários outros registrados revelam o cuidado entre os moradores do Vale da Esperança. Observamos em várias situações que, diante das

²⁹ BOGO, Ademar. *Cartas de amor*. Setor de Formação do MST: 2 ed. 2008, p. 15.

intempéries do dia a dia, estão sempre dispostos a se auxiliar. Sobre o cuidado com o outro escreveu Boff:

Cuidar do outro é zelar para que haja um diálogo libertador e construtor de uma aliança de paz e de amor, o outro se encontra no mesmo chão comum da humanidade. Homens e mulheres realizam em seu modo singular a essência humana, abissal e misteriosa. Cuidar do outro exige inventar relações que propiciem a manifestação das diferenças não mais entendidas como desigualdades, mas como riqueza da única e complexa substância humana. Essa convergência na diversidade cria espaço para uma experiência mais global e integrada de nossa própria humanidade, uma maneira mais cuidada de ser.³⁰

Entendemos que esse cuidado se torna mais intenso nos momentos de dificuldades, mas também se faz presente em inúmeras situações no campo das conquistas individuais e pessoais. É muito provável que, em uma sociedade como a de assentamentos rurais, em que é frequente a cobrança por parte dos segmentos sociais no sentido de que estes indiquem prosperidade, que as conquistas pessoais dos companheiros também se façam suas. É na convivência dos sujeitos sociais, com sonhos e esperanças expressos nos olhares, na gratidão, na acolhida, enfim no cotidiano, que se revela afeto e respeito aos mais velhos, às crianças e à natureza. É nas experiências de vida que se vão construindo a história do grupo e as histórias individuais, conforme relato no diário de campo:

Quando eu cheguei aqui eu não queria ficar de jeito nenhum, só pensava em voltar, os meus parentes diziam que eu tava doida em ficar aqui, um lugar que não tem nada, mais eu insisti, já que Deus tinha me dado este caminho eu ia ficar e ele estava certo, pois hoje eu não saio daqui de jeito nenhum, aqui a gente é muito feliz, todo mundo se ajuda, não falta nada, vamos melhorando devagar, a terra é boa, se trabalhar produz, tem escola para as crianças, os meus filhos já estudam fora, estão no Polivalente, mas o ônibus vem buscar aqui, é aqui que eu e minha família queremos ficar. (fragmento do diário de campo 24/9/2013)

As observações feitas durante as visitas nos permitem dizer que talvez seja essa forma de viver a responsável pelo sentimento de realização que os sujeitos sociais relatam. Ao longo dos dezesseis anos em que vêm construindo suas histórias, sempre priorizaram o respeito aos irmãos do assentamento e a todos os que ali chegam. O cotidiano do Vale da Esperança é repleto de acontecimentos que mostram o respeito às muitas regras impostas para o bom andamento das coisas, mas muito mais pela felicidade de estar na sua terrinha, como dizem, com a sua gente (figura 5).

³⁰ BOFF, 2000, p. 17.



Figura 5: atividade social no assentamento

1.8 O ASSENTAMENTO COMO LOCAL SAGRADO

1.8.1 Espaço Territorial

A história da vida acontece em um espaço territorial, caracterizado por ser temporal, natural, geográfico e edificado. O espaço sagrado ou religioso encontra-se dentro da dinâmica dos diferentes espaços. Assim podemos abordar os espaços, conforme Burmann:

Analisando-os em si mesmo, de forma restrita e unilateral a partir de um determinado contexto político, econômico-social, filosófico, religioso, científico, dentre outros. Esta abordagem é denominada de “espacialista”. Outro modo de abordagem é denominado “espaciológica”, este enfoque considera o espaço de forma mais ampla através dos processos sociais das funções e das formas.³¹

Entendemos, então, que os espaços estão além da demarcação territorial, ou seja, não se constituem de um único fator. O espaço incorpora as ações sociais dos indivíduos, que podem ser individuais ou coletivas. Para Milton Santos, citado por Girard, “o espaço é formado por um conjunto indissolúvel, solidário e também contraditório, de sistemas de

³¹ BURMANN, Claudir. *Espaço e espaço sagrado: um olhar a partir de uma comunidade luterana*. 2009. Disponível em: <http://www3.est.edu.br/nepp/revista/019/ano08n2_06>. Acesso em: 20 set. 2013.

objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único na qual a história se dá”.³²

1.8.2 O espaço sagrado

Os espaços ocupados pelo homem, conforme as colocações, vão além do aspecto físico. É nesse sentido que abordaremos o espaço sagrado. Para Eliade, “o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no mundo e o modo de ser sagrado e profano depende das diferentes posições que o homem conquistou no Cosmos”.³³

Para Eliade, o espaço ocupado pelo homem não é homogêneo. Para o ser humano existem espaços mais expressivos, como o espaço sagrado, e por consequência, “forte”, significativo, em contraste com outros espaços não sagrados.³⁴ A manifestação do sagrado no espaço tem, como consequência, valência cosmológica. Toda a hierofania³⁵ de um espaço equivale a uma cosmogonia. “O Mundo deixa-se perceber como Mundo, como cosmos, à medida que se revela como Mundo sagrado”.³⁶ Segundo Eliade, o espaço sagrado pode configurar-se em locais construídos, edificados pelos homens para fins religiosos, ou seja, o espaço sagrado pode ser uma igreja, uma mesquita ou um terreiro de candomblé. Mas também pode manifestar-se em espaços não edificados pelo homem, como florestas, rios, campos, pedras, etc.

Para Croatto, citado por Burmann, “o sagrado é um espaço recortado dentro do grande espaço cósmico ou telúrico”.³⁷ Assim, para Croatto e para o fenomenólogo Eliade, o espaço sagrado configura-se onde o homem religioso expressa sua atitude religiosa por diferentes ritos.

Para o teólogo Rudolf Otto, um estudioso das manifestações do sagrado nas mais variadas formas e locais, a experiência do sagrado se manifesta e pode ser ilustrada em duas formas de expressão: *o tremendum e o fascinatum*. O *tremendum* é o mistério que nos faz tremer, é o terror, o pânico, o medo, o calafrio. É o medo comum que o homem religioso pode

³² GIRARD, Eduardo Paulon. *Espaço geográfico e espaço territorial: conceito-chave para a geografia*. Atlas de Questão Agrária brasileira. Disponível em http://www2.fct.unesp.br/nera/atlas/espaco_territorio.htm Acesso em: 22 out. 2013.

³³ ELIADE, Mircea. *O sagrado e profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins fontes, 2001, p. 20.

³⁴ ELIADE, 2001, p. 25.

³⁵ Hierofania – do grego *hieros* (sagrado) e *fanos* (manifestação): ato de manifestação do sagrado.

³⁶ ELIADE, 2001, p. 59.

³⁷ BURMANN, 2009, p. 62.

ter e experimentar diante do sagrado. Já o *fascinosum* expressa todo o sentimento de fascínio que o homem religioso contrai diante do sagrado, relacionando-se à perplexidade diante do fenômeno religioso.³⁸

O espaço sagrado, então entendido como local de transcendência, ocupa lugar respeitável na vida do ser humano religioso. Esse espaço configura um local onde o homem se sente mais próximo do divino, o criador, mais próximo de Deus. De acordo com os estudiosos, o espaço sagrado pode ser representado nas mais diversas formas, desde as edificadas pelo homem às atribuídas a elementos do cosmos. Ressaltamos ainda que o espaço sagrado pode ser detentor de características de sagrado em determinado momento e posteriormente tornar-se profano, de acordo com seus fins.

1.8.3 O Vale da Esperança e o espaço sagrado

Como já foi dito, o espaço territorial do Vale da Esperança está organizado conforme a dinâmica do MST. Dessa forma os fatos histórico-sociais que pretendemos relatar estão organizados dentro da área social do lócus da pesquisa. Ressaltamos que é nesse local que são tomadas as decisões que envolvem toda a dinâmica política, econômica e social do assentamento.

Os assentamentos rurais são constituídos por militantes oriundos do campesinato brasileiro. Esses sujeitos sociais, na grande maioria das vezes, são homens e mulheres detentores de uma tradição histórico-social alicerçada na religiosidade. De acordo com Bittencourt, a matriz religiosa brasileira correlaciona-se historicamente com a miscigenação, o sincretismo, a modernização e com os diferentes estágios da nossa história econômica. Assim se configura o assentado rural, oriundo desse processo histórico: um homem marcado pela religiosidade.³⁹ Já foi observado que em assentamentos rurais a presença do espaço sagrado muitas vezes se faz antes da edificação das residências, fato que evidencia a prática do militante como homem religioso (figuras 6 e 7).

No Vale da Esperança a preocupação com o espaço sagrado vem desde a chegada dos assentados ao local, de acordo com relatos no diário de campo de uma senhora, fiel de

³⁸ OTTO, Rudolf. *O sagrado*: um estudo do elemento não-racional na idéia do divino e a sua relação com o racional. (tradução: Prócoro Velasquez filho). São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985.

³⁹ BITTENCOURT Filho, José. *Matriz religiosa brasileira*: religiosidade e mudança social. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Koinonia, 2003, p. 19.

igreja evangélica, que afirmou: “Olha, nós nunca deixamos de se juntar para fazer os nossos encontros até mesmo no acampamento a gente tinha uma barraca de lona onde íamos fazer nossos cultos”. Esse fato também pontuou as conversas com os católicos: “Só Deus e Nossa Senhora é que dão força pra gente resistir, foi mesmo Deus que trouxe a gente aqui”. Verificamos, após as inúmeras visitas, indagações e conversas, que seria possível assinalar o assentamento como local onde a religiosidade é partilhada pela grande maioria dos moradores.

Esses relatos marcam a forma como a religiosidade encontra-se presente entre as famílias do lócus da pesquisa. Notamos que os moradores do Vale da Esperança não abandonaram suas práticas religiosas durante o processo de luta pela terra, o que, às vezes, é comum acontecer em função do momento histórico de acampados. Verificamos que, logo após a chegada, cada ator social passou a desenvolver suas atividades religiosas, muitas vezes dividindo o espaço de acordo com um cronograma de uso do local, conforme registro no diário de campo:

Quando nós chegamos aqui só existia a escolinha para a gente se reunir, era um local muito pequeno, mas foi ali que tudo começou. Fazíamos as reuniões para definir as coisas do assentamento, aconteciam as aulas das professoras e também funcionava como nossas igrejas e a gente se organizava: um dia iam os católicos e em outro dia iam os evangélicos e tudo dava certo, graças a Deus hoje a gente tem as nossas igrejas e continuamos vivendo assim... (fragmento do diário de campo 20/9/2013).

Com o desenvolvimento das atividades de pesquisa no assentamento verificamos o fenômeno religioso assinalando o cotidiano dos sujeitos sociais com grande intensidade e representatividade. Durante todos os cultos a que assistimos – tanto evangélicos como católicos – observamos que as igrejas vão muito além de simples locais de encontro dominical. É durante esses encontros que se configuram a organização e as atividades sociais a serem desenvolvidas para dinamizar a vida na comunidade. Observamos esse fato em todas as visitas que fizemos para assistir aos cultos dominicais. Registramos essa dinâmica ao assistirmos a um culto da igreja católica, constatando a seguinte organização registrada no diário de campo: ao terminar a celebração, como a denominam os fiéis, são feitos os avisos à comunidade. Nesse dia em especial notamos a seguinte fala: “Durante esta semana já iniciou o corte das árvores para que a madeira seja usada na construção dos bancos da igreja e precisamos de pessoas para acompanhar o serralheiro”. Depois de muitas conversas entre a comunidade os indivíduos foram se manifestando e foi se organizando o trabalho a ser executado durante a semana. A cada dia um morador acompanharia o serralheiro. Não houve

omissões ou resistência a cumprir a tarefa, e percebemos também que a ajuda mútua é prazerosa para os moradores.

No Vale da Esperança os membros da Igreja Católica e da igreja Evangélica Assembleia de Deus relacionam-se harmonicamente, sem rivalidade, guardando o respeito mútuo e a opção religiosa de cada assentado. Durante todo o período da pesquisa foi possível observar esse relacionamento amistoso na organização das atividades não religiosas, como aniversário do assentamento e cursos oferecidos pelos poderes locais, bem como na solidariedade a um amigo da comunidade. Enfim, a denominação religiosa de cada sujeito social não se constitui em motivo de distanciamento nos demais momentos histórico-sociais. Na comunidade do Vale da Esperança a fé encontra-se em harmonia com as demais atividades do cotidiano, como dispõe Bobson:

A fé em Deus está intimamente imbricada com o mundo real. A fé em Deus dá sentido à vida e à História. *Deus é o senhor da história, aquele que conduz a vida, que caminha ao nosso lado... Que alivia as dores e* livrará de todo mal no dia final. A crença em Deus não tem apenas um sentido estritamente espiritual. Não apenas se cultua Deus, mas se cultua Deus em função de algo, e esse algo é a sustentação da vida; e sustentação da vida pressupõe ameaça eminente à vida; ou seja: é a fé em Deus que permite a superação de dificuldades, e isso significa, sobretudo, proteção contra o mal.⁴⁰

Ressaltamos então que no lócus da pesquisa as manifestações da fé relatadas nas muitas conversas durante as visitas revestem-se de um sentimento de temor, como define Boff,⁴¹ mas também a superação das dificuldades, na grande maioria das vezes, relaciona-se à construção do mistério que caracteriza a fé daqueles atores sociais. É essa fé que os alimenta, na luta para vencer as dificuldades do cotidiano e proteger-se contra o mal. A convivência permitiu analisar que os temores que rondam os atores do Vale da Esperança centram-se nos mesmos moldes das ansiedades das famílias da sociedade brasileira. Atualmente as preocupações vão além da simples sobrevivência, com indagações sobre o futuro dos filhos, a violência e as drogas nas conversas, que, na maioria das vezes, terminam com a afirmação de que somente com fé em Deus, com Sua ajuda e a proximidade da igreja é possível superar. Anotamos no diário de campo:

Olha, eu gosto muito de ir à igreja vou todos os domingos, só não vou mesmo quando não dá, mas faz falta, parece que quando sai de lá a gente fica mais aliviado, as coisas ficam melhores, até a semana vai melhor e se a gente não vai, como é que

⁴⁰ BOBSIN, Oneide; LINK, Rogério Sávio; PAZ, Nivia Ivette Núñez de La; REBLIN, Andrés Reblin. (Orgs.), *Uma religião chamada Brasil: estudos sobre religião e contexto brasileiro*. São Leopoldo: Oikos; Faculdades EST, 2012, p. 38.

⁴¹ BOFF 2000, p.17

os nossos filhos vão querer, ir a gente tem que dar o exemplo, do jeito que o mundo tá difícil, temos que mostrar um caminho e eu penso que esse é o melhor. (fragmento do diário de campo, 21/6/2013).

Constatamos, com esse relato, entre muitos outros, aqueles atores sociais imersos numa forte relação entre igreja, comunidade e construção dos processos identitários. Ao longo dos 16 anos de história do assentamento, o fenômeno religioso esteve marcado na dedicação que os moradores aplicam à construção dos templos, verificando-se que os esforços para a edificação são amplos. Quando é necessária alguma atividade nos templos, como reforma e manutenção, é o sistema de trabalho coletivo que funciona, com significativa presença e ajuda de todos. Podemos constatar esse comportamento na construção dos dois templos situados no lócus da pesquisa.

Morar no assentamento vai além do espaço territorial. Conforme Oliveira, morar no assentamento é mais do que um espaço para morar, o assentamento surge como espaço do legado das raízes para as gerações futuras.⁴² No Vale da Esperança a preocupação com o futuro das gerações é constante. Segundo os relatos, criar os filhos dentro da igreja, como dizem, é muito importante, tentando mostrar para eles um caminho para o futuro. A forma como os descendentes sobreviverão também constitui preocupação e não é possível desvincular essas ansiedades do sagrado no Vale da Esperança: um encontra-se unido ao outro em uma espécie de complemento para vencer os desafios do cotidiano.

A religião tem papel determinante na vida dos assentados, conforme observamos em um depoimento registrado no diário de campo:

A gente precisa de muitas coisas, nosso alimento, nossos amigos, nossas casas, nossa roça [...] Mas se a gente não tem nossa religião a gente fica sem teto, as coisas não vão bem, não fica completo temos que ter um Deus para poder rezar, pedir as coisas, agradecer tudo que ele dá pra gente, tudo que conseguimos, é ele que dá força pra continuar na luta, tem muita coisa ainda pra fazer e é só com Deus que a gente vai conseguir. (fragmento do diário de campo, 12/10/2013).

Percebemos que a religião articula as relações interpessoais dos assentados do Vale da Esperança, configurando-se como necessidade, funcionando como alimento vital que impulsiona, sustenta e ajuda a enfrentar os desafios do cotidiano.

⁴² OLIVEIRA, Marcelo Leles Romarco de. *Retratos de assentamentos: um estudo de caso em assentamentos rurais formados por migrantes na região do entorno do Distrito Federal*. 2007 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 172.



Figura 6: Igreja evangélica do assentamento



Figura 7: Igreja católica

2 A RELIGIÃO NO ASSENTAMENTO

Enquanto houver um louco, um poeta e um amante
haverá sonho, amor e fantasia. E enquanto houver
sonho, amor e fantasia, haverá esperança.

(William Shakespeare)

2.1 A IMPORTÂNCIA DA RELIGIÃO NO VALE DA ESPERANÇA

Os assentamentos rurais configuram-se em espaços territoriais edificados, na maioria das vezes por integrantes dos movimentos sociais de luta pela terra como o MST, que usam a denominação sem-terra, conforme Bogo: “Um sem terra é filho da noite que os caminhões transportam em busca do amanhecer. O ronco que causa medo também anuncia a liberdade, mostrando que o balançar é parte deste jeito novo de nascer”.⁴³ Ao alcançarem seus objetivos, que não se resumem à posse da terra, esses atores sociais imersos em sonhos e ideais se deparam com uma nova realidade e a heterogeneidade nesses espaços territoriais, onde os fatores identitários vão criando novos contornos no espaço do assentamento.

Após várias visitas a fim de estabelecer a convivência na Comunidade do Vale da Esperança, foi-nos permitido observar que a construção do espaço territorial naquele lócus acontece como nos inúmeros assentamentos que marcam a história agrária deste país. De acordo com estudiosos, a reforma agrária no Brasil não é feita pelos poderes públicos, mas pelas conquistas dos excluídos como os sem terra, que muitas vezes perdem a vida na luta por justiça social. Sobre o processo de exclusão, diz Comblin:

O mundo dos excluídos veio para ficar. Ele é produzido pelo sistema econômico atual, que vai gerando cada vez mais exclusão. Uma parte da população tem capacidade para entrar no mundo novo da economia, outra parte não. As exigências são cada vez maiores, de modo que a distância cultural aumenta entre os que têm e os que não têm condições de vida digna. Quem nasce no mundo dos excluídos já nasce excluído e nunca poderá recuperar a distância que o separa de quem nasceu numa família incluída. Somente ínfima minoria ajudada por muita sorte consegue, o que afeta o fenômeno no seu conjunto.⁴⁴

⁴³ BOGO, 2008, p.13.

⁴⁴ COMBLIN, José. *Desafios aos cristãos do Século XXI*. São Paulo: Paulos, 2000, p. 7.

Comblin contribui para no entendimento da realidade dos excluídos, e como a luta pela sobrevivência é difícil, observamos que no Vale da Esperança, de acordo com os depoimentos, o sentimento que os mantêm firmes no processo de conquista é o de realização, porque possuem sua “terrinha”, como dizem, o que não foi fácil, conforme relato no diário de campo:

A gente teve que ter muita coragem quando estávamos morando na lona, esperando para conseguir a nossa terra era uma coisa muito doida a gente não dormia direito porque tínhamos medo de tudo também porque tinha que olhar as crianças e sempre tinha ameaça era os capangas dos fazendeiros que estavam sempre olhando, era a polícia que nos ameaçava era medo de todo jeito, quando chovia ficávamos com tudo molhado... Mas nós não desistimos e olha como estamos hoje tudo graças aquela luta e graças a Deus que sempre esteve com a gente. (fragmento do diário de campo, 21/6/2013).

Constatamos na Comunidade do Vale da Esperança que o fenômeno religioso esteve presente em toda a trajetória vivida pelos atores sociais envolvidas no processo de construção da comunidade. A tradição religiosa acompanhou os sujeitos sociais ao longo do percurso e contribui com a organização social da comunidade. Conforme Geertz, a religião ajusta as ações humanas a uma ordem cósmica.⁴⁵ Nota-se que, no Vale da Esperança, religião e história constituem o fundamento do viver na comunidade. Pode-se registrar esse fato histórico social referente ao cuidado com o sagrado no empenho dos moradores da comunidade em manter a estruturação na edificação dos templos no lócus da pesquisa, bem como os compromissos assumidos pelos integrantes da comunidade para o bom andamento das coisas sagradas.

2.2 CATÓLICOS

Os católicos e a História do Brasil compõem uma rede de fatos sociais, políticos e econômicos desde a chegada dos portugueses a este território. Sabe-se que o empreendimento marítimo tinha dimensão religiosa e missionária, e o interesse nos bens materiais aliava-se ao intento de converter os nativos da colônia, como afirma Bittencourt:

O Estado Português, oficialmente católico, pretendia subjugar e incorporar os indígenas à religião cristã, como de resto, à cultura portuguesa. Pelo fato de que a legitimidade do empreendimento colonial não era teologicamente questionada, a modalidade de evangelização adotada participou intensamente desse

⁴⁵ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Editora LTC. 2014, p. 67.

empreendimento, onde, através de seus representantes a Igreja Católica, participava de todas as formas de produção da colônia.⁴⁶

O catolicismo imposto pela metrópole foi preponderante no decorrer de boa parte da história brasileira, contudo as memórias culturais acabariam por compor uma configuração religiosa com influência dos indígenas, dos africanos e do catolicismo medieval e, com menor representação, de mulçumanos e judeus. Temos, assim, um catolicismo composto por traços de sincretismo bem definidos e manifestos no decorrer da construção da Igreja Católica no Brasil.

2.2.1 Os católicos no Vale da Esperança

Os assentamentos rurais congregam, na sua constituição, atores sociais de diferentes origens identitárias e não foi diferente no Vale da Esperança. Somente com o desenrolar dos tempos essas diferenças culturais vão se ajustando e dando novo sentido à comunidade que se desenvolverá. Esse fator não é diferente no aspecto religioso: cada ator social foi se adaptando à melhor forma de viver sua representação religiosa. Os traços culturais do sujeito social vão se revelando com o passar do tempo, e tal aconteceu com os católicos no Vale da Esperança, conforme registrado no diário de campo. Muitos moradores expressam que, nem mesmo no acampamento, morando sob a lona, abandonaram a fé, mantendo acesa a chama da esperança com muitas orações e pedidos a Deus para que tudo desse certo. E como dizem com frequência, tudo acabou bem.

2.2.2 A construção do templo

Conforme Douglas, citado por Ribeiro, a igreja deve ser construída em lugar distante da desordem. O templo deve tornar-se o centro de ordenação do mundo, do novo povoado de

⁴⁶ BITTENCOURT, 2003, p. 93.

uma comunidade, caracterizado por um espaço organizador do ambiente que põe ordem no espaço social.⁴⁷

A escolha do local de construção do templo católico no Vale da Esperança tem características semelhantes às citadas acima. Como já exposto, quando os moradores chegaram ao assentamento os encontros se davam na escolinha, mas, assim que começaram a se estruturar, o sonho de construir a igreja foi aflorando nos integrantes católicos da comunidade. Conforme relatos no diário de campo, observamos que a intenção de construir a igreja era prioridade na vida dos atores sociais, semelhante a construir as habitações. Notamos que os católicos mantiveram a vertente tradicional da igreja católica.

No assentamento rural as decisões não são arbitrárias. No processo de construção do espaço territorial e do templo não foi diferente. Foi necessária a permissão do INCRA porque a igreja está construída na área social do *locus* da pesquisa. Posteriormente, junto ao pároco da cidade de Santa Teresa, foram tomadas as decisões referentes à construção do templo. Após todo esse aparato burocrático iniciaram-se as atividades de edificação. De acordo com relatos, muita gente ajudou na construção. A maioria das obras é feita em mutirões, caracterizando um empenho coletivo, que se configura na ajuda mútua para a construção da igreja. De acordo com registro em diário de campo:

Quando chegamos era tudo muito complicado, e logo que conseguimos fomos à paróquia para conversar com o Pároco de Santa Teresa, que, na época que chegamos aqui era o Frei Onório. Foi a pessoa que mais nos ajudou, a conversa foi muito boa, ele disse que ia ajudar a gente, e ajudou mesmo, ele fazia arrecadação de alimentos, e também falava com as comunidades vizinhas sobre a nossa história, de certa forma ele estava ajudando também para que as pessoas aceitassem a gente. (fragmento do diário de campo, 12/10/2013).

No Vale da Esperança adota-se a estruturação do catolicismo oficial, de típico do mundo rural brasileiro, cujo centro maior de poder encontra-se na sede do município onde se localiza a Paróquia, que atua como centro de organização das demais igrejas do município.

⁴⁷ RIBEIRO, Lidicy Meier Pinto. *A igreja: espaço sagrado reorganizador do mundo*. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/11822>. Acesso em: 25 nov. 2013.

2.2.3 O culto católico

O culto católico acontece todos os domingos, às nove horas da manhã. Optamos, como pesquisadores, por assistir aos cultos para registrar como se dá a dinâmica e o funcionamento das atividades católicas. Observamos que o desenvolvimento das atividades se assemelha às demais comunidades católicas das comunidades de Santa Teresa, onde o espaço sagrado se revela local de socialização da comunidade, como diz Pereira:

O templo constitui-se em um espaço em que há uma hierofania, isto é, um lugar onde algo sagrado mostra-se ao homem e que, à vista disso, se torna espaço diferenciado aonde se vai para a prática de rituais religiosos. É isso que caracteriza o templo católico como espaço sagrado das relações sociais. Nele, de maneira mais ou menos confusa, fluem o imaginário e as representações sociais, configurados nos rotos sacramentais que misturam elementos de fé e poder.⁴⁸

No Vale da Esperança o culto desempenha papel semelhante ao da definição de Pereira. Durante os vários cultos a que assistimos, fizemos inúmeros registros no diário de campo, que demonstram como o espaço sagrado funciona como ambiente socializador. Entre os relatos, optamos por apresentar as atividades de um culto:

A celebração segue a dinâmica de todas as Igrejas católicas do Município com a organização do ritual católico feita por um folheto orientador da temática do dia, bem como os textos litúrgicos, não acontece o ritual da comunhão por não haver no templo construção da Capela do Santíssimo nem Ministro da Eucaristia, este ritual é feito quando vem o padre uma vez a cada mês. Ao final da celebração acontece o momento dos avisos onde a dirigente do culto, de uma forma muito agradável, colocou que estava se aproximando a festa da padroeira da comunidade e precisavam se organizar para realizar o evento, foi elencando as atividades que deveriam ser feitas e para todas as atividades propostas havia voluntários para ajudar, depois de divididas as tarefas, terminou o culto e as pessoas retornaram para suas casas. (Fragmento do diário de campo, 6/10/2013).

2.2.4 A festa de Nossa Senhora Aparecida

As festas religiosas são atividades enriquecedoras das relações sociais, sendo necessária a contribuição dos membros da igreja para que a festa aconteça animada e harmonicamente. Brandão, citado por Lima, ao abordar o sentido da festa, afirma que não há

⁴⁸ PEREIRA, José Carlos. *Religião e exclusão social: a dialética da exclusão e inclusão nos espaços sagrados da igreja católica na metrópole. Aparecida*: Editora Santuário, 2009, p. 24.

nada mais gratuito e humano do que a necessidade de repetir, refazer e relembrar comportamentos e valores. E é isso que a comunidade “teima” em reproduzir.⁴⁹

Nesse sentido a festa na comunidade do Vale da Esperança começa com uma novena⁵⁰ a Nossa Senhora, que antecede o dia da festa. Durante os encontros da novena vai-se traçando a dinâmica das atividades, das tarefas a ser cumpridas por cada membro da igreja.

No dia 12 de outubro de 2013 estivemos com a comunidade católica para participar e registrar um dia muito importante para os atores sociais envolvidos na pesquisa. Logo que chegamos, observamos que seria um dia especial, haviam sido feitas na igreja várias obras de infraestrutura, como pintura na fachada e acabamentos. Enfim, registramos que durante a semana antecedente à festa ocorreu um “mutirão”, como dizem, para execução dessas obras, reforçando a prática dos atores sociais de construir o espaço sagrado na configuração de empenho coletivo.

No dia da festa o templo recebeu arrumação especial. Era dia de missa de Nossa Senhora Aparecida,⁵¹ data comemorada por milhares de brasileiros em todas as regiões, como momento mariano da religião católica. Maia destaca que a Congregação Mariana contribuiu para propagar devoções novas como via sacra, procissões, penitências, peregrinações a santuários e dedicação à Virgem Maria, que se revela prática comum do fiel católico.⁵² A igreja estava adornada com muitas flores, havendo no final da nave um painel com fotos da comunidade. Esse registro iconográfico revelava as várias etapas vividas pelos cristãos católicos da comunidade: registros de batizados, encontros, primeira eucaristia, festas anteriores e principalmente fotos do empenho coletivo empregado na construção do templo.

⁴⁹ LIMA, Rodrigo Santos de. VARGAS, Maria Augusta Mundim. *A festa de Nossa Senhora Aparecida no Bugio Aracaju/SE: sentidos, ritmos e formas*. XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais Diversidades (Des) Igualdades, Salvador, 7 a 10 de agosto de 2011. Universidade Federal da Bahia (UFBA). Disponível em: http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308321400_ARQUIVO_SentidosCONLABRodrigo-MA-1.pdf. Acesso em: 6 fev. 2014.

⁵⁰ Constitui característica da igreja católica a promoção de um encontro para orações nove dias antes da festa.

⁵¹ Santa que inspira grande devoção entre os católicos, conhecida como a “mãe dos pobres”, com representatividade em todos os seguimentos católicos. O dia 12 de outubro é feriado nacional.

⁵² MAIA, Pedro Américo. *História das congregações marianas no Brasil*. Edições Loyola, p. 38. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=50yMVUVKf5gC&pg=PA20&lpg=PA20&dq=artigo+cient%C3%ADficos+sobre+o+marianismo+no+brasil&source=bl&ots=t8G3LR000q&sig=TSbzShaTh2h2_6lzwJMSI9Kwmp0&hl=pt-BR&sa=X&ei=d-YiU8LyBMigkAel44AY&ved=0CGQQ6AEwCA#v=onepage&q=artigo%20cient%C3%ADficos%20sobre%20o%20marianismo%20no%20brasil&f=false. Acesso em: 14 mar. 2014.

2.2.5 A missa

A celebração da missa constituiu um momento de muita fé e agradecimento, como dizem. Foi celebrada pelo Frei José Cortelleti, padre da ordem dos Capuchinhos⁵³ da Paróquia de Santa Teresa, cujo comentário ressaltou a importância da comunidade, bem como o seu crescimento. Frei Cortelleti já celebrara com os atores sociais no decorrer dos 16 anos de sua história. Durante o transcorrer da missa, crianças, jovens e adultos participaram, vestidas com indumentária especial, como roupas de anjos para as crianças (figuras 7 e 8).

No final da missa a comunidade apresentou uma peça teatral que emocionou a todos, cuja temática foi Maria, mãe de Jesus. Chamou a atenção a forma como abordaram Maria: fugindo do tradicionalismo, apresentaram as questões atuais e os problemas sociais da sociedade. Após a apresentação os atores e organizadores relataram que a peça fora escrita pelos próprios atores, ensaiada e preparada na escola da comunidade, revelando novamente que as atividades coletivas dão sentido à existência e contribuem nas relações de convivência dos atores sociais da pesquisa.



Figura 7: entrada da bíblia



Figura 8: participação das crianças

⁵³ A Ordem dos Frades Franciscanos foi fundada por São Francisco de Assis e chegou ao Brasil com frades franceses. Segundo a ordem, são “chamados por Jesus Cristo ao jeito de Francisco de Assis”, anunciando o Evangelho e desenvolvendo inúmeros trabalhos religiosos em todo o mundo, entre os quais: oração e contemplação, trabalho pastoral, serviços sociais, ministério da reconciliação e de assistência religiosa hospitalar, atividade missionária, ação cultural, edições e presença nos meios de informação e comunicação social.

2.2.6 O almoço coletivo

Ao terminar a missa festiva, todos foram convidados a participar de um almoço coletivo (figuras 9 e 10) que seria servido na escola. Ficamos sabendo que seria um momento de partilha⁵⁴ e todos estavam convidados a compartilhar. A escola fica próxima à igreja. Observamos que esse era um momento muito importante para os católicos do Vale da Esperança, conforme registramos no diário de campo:

Olha, minha filha, que coisa boa, todo mundo almoçando junto para comemorar e agradecer a Nossa Senhora Aparecida tudo que ela faz pra gente, o padre também veio, isso é muito bom, dá muito orgulho em saber que depois de tudo que passamos agora a gente pode até dá um almoço pra nossos amigos, isso é muito bom mesmo [...] (fragmento do diário de campo 12/10/2013)

Assim, a festa na comunidade tem significado simbólico da fé vivida e constitui fator e marco importante na convivência no Vale da Esperança. A organização da festa requer a produção de rituais que proporcionam o refazer das tradições. No caso específico de assentados rurais, marca a ressignificação da sua história recontada, já que os atores sociais oriundos de territorialidade diferentes unem-se para reconstruir, com novos contornos e significados.

Não registramos atividades mercadológicas na festa, de configuração sagrada. O encerramento das atividades deu-se com um almoço servido gratuitamente a todos os participantes.



Figura 9: Almoço coletivo



Figura 10: Almoço coletivo

⁵⁴ Os fiéis estabeleceram que esse almoço tinha como objetivo dar continuidade ao momento festivo, quando as famílias do assentamento e os convidados conversariam e agradeceriam as graças obtidas com a devoção a Nossa Senhora Aparecida.

2.3 EVANGÉLICOS

2.3.1 A Igreja Assembleia de Deus no Brasil

Diferente do contexto histórico tradicional, em que as entradas se davam pelos portos do Rio de Janeiro ou de Santos, os evangélicos da Assembleia de Deus chegaram ao Brasil pelo norte do país, conforme ressalta a pesquisadora:

No Brasil, tanto o protestantismo histórico quanto o pentecostalismo tiveram início através da atuação de missionários estrangeiros. Esta origem deixou marcas profundas no protestantismo nacional. Daniel Berg e Gunnar Vingren, os dois missionários suecos que deram origem à maior igreja evangélica nacional, a Assembleia de Deus, chegaram ao país em Belém do Pará, na região amazônica.⁵⁵

A autora também destaca, em seu artigo, que os missionários chegaram como a maioria dos miseráveis que chegavam a Belém na fase de declínio do ciclo da borracha,⁵⁶ contexto histórico social em que as relações de trabalho retomaram antigas tradições, com fragmentos da roupagem escravocrata do período colonial. Essas relações de trabalho distanciam as classes sociais, como os missionários relataram ao chegar. Eles encontraram uma população abandonada pelos poderes locais e sofrendo com a miséria.

Dentro desse contexto histórico social os missionários iniciaram as pregações que dariam início à Assembleia de Deus no Brasil. A princípio Gunnar e Daniel optaram pela pregação resistente ao processo de institucionalização. Acreditando que o “espírito é livre”, preferiram não atuar com as demais instituições religiosas, confundindo-se as igrejas com redes de poder. Acreditavam, assim, que não “deveriam ser os homens com sua fé que poderiam amarrar suas instituições sobre eles.”⁵⁷

Com o passar dos tempos e o desenvolvimento das atividades de pregação, surgiu a necessidade de um local edificado, pois a falta de “conforto” acabou se transformando em ponto negativo para a igreja de Gunnar e Daniel. Assim, em 1926, foi inaugurada a primeira

⁵⁵ MAFRA, Clara. *Casa dos homens, casa de Deus*. Análise Social, vol. XLII (182), (145-161). Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218648939Y2vZP5nl0Yb25EF1.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2014.

⁵⁶ O ciclo da borracha representou um momento de esplendor econômico no norte do país. A extração da borracha (ouro negro) daria à região condições políticas, econômicas e sociais semelhantes às dos centros mais desenvolvidos do Brasil.

⁵⁷ MAFRA, p. 148

sede da Assembleia de Deus de Belém, templo modesto, que lembrava uma casa sueca.⁵⁸ Mais tarde esse templo foi substituído por uma moderna construção que abriga cerca de três mil pessoas.

Pesquisas situam a Assembleia de Deus como a maior denominação evangélica da América Latina na atualidade. O processo de institucionalização a partir da edificação do Templo de Belém se dá em todo o território nacional, registrando-se a construção de templos em cidades e no interior do Brasil. Ressaltamos que o estatuto resguarda a autonomia das congregações locais na figura do pastor presidente, fortalecendo a opinião da liderança carismática local, como afirma Mafra.⁵⁹

2.3.2 Os evangélicos da Assembleia de Deus no Vale da Esperança

A história da Assembleia de Deus no assentamento de certa forma se mistura com a permanência e a construção do próprio lócus da pesquisa. Segundo relatos no diário de campo, quando chegou ao local, a maioria dos integrantes da igreja já congregava na mesma denominação religiosa. Com o tempo, a mobilidade costumeira dos assentamentos foi acontecendo, mas a maioria dos fiéis do grupo religioso está na igreja desde a chegada ao local, conforme registramos.

Quando chegamos não tinha igreja, mas a gente sempre fazia os encontros às vezes na escolinha que já existia e às vezes nas barracas de lona onde a gente tava morando nunca deixamos de “orar” a Deus para que tudo desse certo, você sabe, as coisas não eram fáceis, a gente não tinha nada, mas sabíamos que era só esperar que o Bom Deus iria nos ajudar e foi assim que fomos ficando e hoje estamos aqui lutando porque ainda falta muito, mas tudo vai acontecendo como “ele” deseja. (fragmento do diário de campo 24/9/2013).

2.3.3 A construção do templo

Estivemos no *locus* da pesquisa para uma conversa marcada pelos fiéis evangélicos, para relatar como se deu a construção do templo. Entre muitas recordações e saudosismo, fomos registrando o relato. A edificação do templo não foge à tradicional forma de conquistas

⁵⁸ Uma construção simples, sem características arquitetônicas que enfatizassem a teologia da prosperidade, que lembrava uma construção nórdica contrastante com os prédios luxuosos de Belém.

⁵⁹ MAFRA, p. 148.

do espaço sagrado: o sistema de mutirão caracterizado pelo empenho coletivo utilizado. Foi preciso pedir permissão ao INCRA e ao MST para a execução da obra, já que esta fica na área social do assentamento. A igreja de Santa Teresa também colaborou, e no começo o pastor que celebrava os cultos vinha da sede do município. Relataram a “campanha do café”, que deu impulso maior à obra. Essa atividade consiste na doação de sacas de café para as obras da igreja, durante a colheita. Assim, no decorrer dos 16 anos de história do Vale da Esperança, o templo tem sido edificado. Algumas dependências ainda se encontram em fase de acabamento. (Registro no Diário de Campo, 24/9/2013). O templo é simples, mas seu espaço é aconchegante.

2.3.4 Atividades desenvolvidas na comunidade evangélica

Como já dito, a dinâmica das atividades nas Assembleias de Deus é flexível, e assim acontece no lócus da pesquisa. Observamos que os fiéis se organizam para que as coisas deem certo, como dizem: “Olha, minha filha, aqui é assim, se a gente tem que fazer alguma coisa na igreja e não dá pra ir, a gente logo arruma outra pessoa porque compromisso é compromisso”. (fragmento do diário de campo, 22/9/2013).

Os leigos desenvolvem muitas atividades na Assembleia de Deus do assentamento. Para Scholz, leigo é quem não recebe ordens sacras, não foi ordenado, não é padre ou pastor, mas atua na dinâmica de funcionamento da instituição religiosa.⁶⁰ Entre os evangélicos, são os fiéis que não são pastores. A prática da atividade leiga é intensa no *locus* da pesquisa, revelando a construção da identidade. Essa participação cria e recria o sentimento de pertença, e para Freitas, revela o sentimento ao grupo e ao lugar, tornando-se fundamental para a manutenção e a coesão da comunidade.⁶¹ Observamos que os atores sociais envolvidos identificam-se com as atividades da igreja, que lhes atribuem relevância no cotidiano (figura 11).

Registramos no diário de campo a dinâmica de funcionamento das atividades da igreja: no domingo é ministrada a escola dominical para adultos e crianças; na terça-feira,

⁶⁰ SCHOLZ, Vilsom. 20º Congresso Nacional de Leigos: um só coração com Cristo e a Igreja. Efésios 3. 14-18. Disponível em: <<http://www.lslb.org.br/?link=noticias&id=59>>. Acesso em: 13 mar. 2014.

⁶¹ FREITAS, Cesar Gomes de. *Desenvolvimento local e sentimento de pertença na Comunidade de Cruzeiro do Sul, Acre*. Disponível em: <<http://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/8058-desenvolvimento-local-e-sentimento-de-pertencia-na-comunidade-de-cruzeiro-do-sul-acre.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2014.

círculo de oração; na quarta-feira, o culto de ensino da bíblia, com o pastor e o presbítero; na sexta-feira, oração nas casas. Os leigos se responsabilizam voluntariamente pelas atividades de manutenção e limpeza do templo. (fragmento do diário de campo, 8/3/2014).



Figura 11: pastor e congregados no culto de domingo

2.4 RELAÇÕES INTER-RELIGIOSAS NO ASSENTAMENTO

2.4.1 A intolerância religiosa

A intolerância religiosa está presente em toda a história da humanidade, nas mais variadas formas de expressão, com a rejeição das diferentes manifestações da crença do outro. Em nome de Deus a sociedade mata, promovendo guerra e ódio. Na história brasileira não é diferente. Somos uma nação de pluralidade religiosa marcante. De acordo com Bittencourt, a matriz religiosa brasileira compõe-se de um mosaico religioso altamente complexo, constituído pelas propostas e sínteses religiosas mais inusitadas. A par disso, é cada vez mais voraz o apetite das religiões institucionalizadas por poder.⁶²

Configura-se no Brasil um crescimento na diversidade religiosa,⁶³ como afirma Bittencourt, mas a intolerância permanece. Como ao longo da história, quando perseguições e mortes marcaram os séculos da colonização, os tempos modernos apresentam um modelo de

⁶² BITTENCOURT, 2003, p. 31.

⁶³ Portaria nº 92/2013-SDH/PR, de 25 de janeiro de 2013, instituiu o Comitê Nacional da Diversidade Religiosa. O comitê tem a finalidade de promover o direito ao livre exercício das diversas práticas religiosas, disseminando a cultura da paz, da justiça e do respeito às diferentes crenças e convicções.

“liberdade” em todas as esferas da sociedade, mas a intolerância religiosa social mostra que estamos apenas iniciando o processo democrático e ainda vivemos distantes de viver em um país onde a laicidade⁶⁴ proporcione ao indivíduo a liberdade de crença.

A discriminação religiosa que caracteriza a intolerância constitui fator de ordem social. Para Kung, a paz mundial está ligada ao processo da intolerância religiosa. Ele sinaliza como solução que apenas a tolerância não basta, sendo necessário o diálogo entre as religiões, pois grande parte dos conflitos mundiais tem fortes raízes no preconceito religioso que afeta a vida de milhares de pessoas.⁶⁵

O Brasil reproduziu ao longo de sua história um modelo excludente de sociedade de dominados e dominantes e as religiões não ficaram de fora desse contexto. A Igreja e o Estado estiveram juntas durante todo o período colonial, discriminando nativos indígenas e escravos africanos em nome da supremacia da Igreja Católica. É interessante observar a presença forte dos fundamentos religiosos dos discriminados. Mesmo com todo tipo de retaliação e preconceito religioso, suas crenças não foram apagadas pelo tempo; ao contrário, como já citamos anteriormente, o Brasil encontra-se em pleno “despertar” das diversas manifestações religiosas.

A intolerância tem características desumanas, ocorrendo no Brasil em várias esferas sociais, como em escolas, ruas e praças. A discriminação é cruel, e na maioria das vezes o indivíduo perseguido não tem nenhum poder de reação às “agressões” físicas e psicológicas. No Brasil, religiões de matrizes africanas e indígenas, entre outras, são com frequência alvo de ataques em cultos e celebrações de outras denominações religiosas. Essa prática constrangedora gera conflitos, impossibilitando o diálogo inter-religioso.

2.4.2 Ecumenismo e diálogo inter-religioso

Ecumenismo vem do grego: *oikós* significa casa e *menen* significa habitação, convívio. Em nosso vocabulário há palavras com a mesma raiz, como ecologia, ecossistema, economia e ética.

⁶⁴ Entende-se por laicidade a prática da liberdade religiosa, sem interferência do Estado na opção de crença dos cidadãos.

⁶⁵ KUNG, Hans. *O grande defensor de um novo paradigma religioso e da nova ética mundial*. Jornal Despertar, 5 de março de 2011. Disponível em: <<http://jornaldespertar.blogspot.com.br/2011/03/hans-kung-o-grande-defensor-de-um-novo.html>>. Acesso em: 8 maio 2014.

Gottfried Brakemeier, em *Preservando a unidade do Espírito no vínculo da paz* analisa o ecumenismo, afirmando que este deveria ser integral, incluindo segmentos sociais tradicionalmente marginalizados da sociedade e rompendo com o “ecumenismo de consenso” das igrejas cristãs, que, no entender de muitos, busca converter o outro à própria posição.⁶⁶ Passar-se-ia, assim, da “idéia do ecumenismo de retorno”⁶⁷ para um “ecumenismo prático”, chamado ecumenismo da justiça, compondo a visão do “macroecumenismo”.

Para Brakemeier, o macroecumenismo consiste num movimento de tolerância e união entre as diversas religiões, revelando a permanência da ideia plural da inexistência de verdades absolutas, com a aceitação das verdades das várias religiões:

O ecumenismo exige o engajamento, o compromisso. A base do ecumenismo já não é o consenso numa doutrina, e sim o pacto. Na América Latina se fala em “opção”, sendo que os pactos feitos nessa base reúnem um outro público do que os consensos na doutrina. São em primeiro lugar os próprios atingidos por injustiça, guerra ou destruição do meio ambiente os que vão se empenhar na luta. E serão, em segundo lugar, todos e todas que com eles se solidarizarem, sejam católicos, protestantes, cristãos ou não cristãos. (BRAKEMEIER p. 86-87)⁶⁸

Brakemeier⁶⁹ e Sinner⁷⁰ defendem a “atitude ecumênica” que se distancia dos discursos fictícios. Os autores enfatizam que a atitude ecumênica é fundamental para o projeto ecumênico e está presente nas redes de companheirismo e hospitalidade prática, configurando-se nas ações dos indivíduos e gerando uma atitude interpessoal que se revela em vivências desvinculadas de determinações institucionais.

Uma prática ecumênica consiste em ouvir o outro e estar aberto ao diálogo, contribuindo, se possível, para vislumbrar possibilidades e ações transformadoras da realidade social. A prática ecumênica está além do autojulgamento do outro, tendo em vista o respeito mútuo como necessário para a superação de conflitos. É preciso entender que se pode atualmente escolher a religião a que se adere, cabendo à sociedade respeitar a liberdade de expressão religiosa.

Para Kungo o termo ecumênico refere-se a uma atitude inter-religiosa marcada pelo diálogo e respeito às diferentes manifestações religiosas, sustentando a possibilidade de paz no mundo baseada na paz entre as religiões. Só o autêntico ecumenismo sustido pelo consenso de valores e princípios humanizantes é capaz do diálogo com espírito de abertura,

⁶⁶ BRAKEMEIER, Gottfried. *Preservando a unidade do Espírito no vínculo da paz: um curso de ecumenismo*. São Paulo: ASTE, 2004.

⁶⁷ BRAKEMEIER, 2004, p. 82.

⁶⁸ BRAKEMEIER, 2004, p. 86-87.

⁶⁹ BRAKEMEIER, 2004, p. 77-87.

⁷⁰ SINNER, Rudolf Von. (organizador) *Missão e ecumenismo na América Latina*. São Leopoldo: Sinodal, 2009, p. 102 -107.

que deve se estender também aos não crentes e a todas as organizações sociais e políticas, priorizando um projeto capaz de manter viva a esperança e garantir o cuidado pela vida.⁷¹

Brakemeier aborda a importância do diálogo inter-religioso, que não deve exigir das religiões a renúncia à exclusividade, mas a abertura para a aprendizagem. Ele deve aproximar as religiões, e mesmo que não seja capaz de eliminar as diferenças, cria a familiaridade macroecumênica que surge na América Latina, com tendência à abertura para o ecumenismo integral, que acolhe traços culturais, ou o “*ecumene de justiça*”, orientado na busca comum do reino de Deus.⁷²

2.4.2.1 O diálogo inter-religioso no Vale da Esperança

Durante todas as visitas que fizemos ao lócus da pesquisa, debruçamo-nos com olhar de pesquisador sobre essa temática. Ao longo do estudo do diálogo inter-religioso, observamos quantas são as limitações e como são árduas as lutas por uma atitude macroecumênica, como definem os estudiosos. Nessa proposta tentamos identificar a existência, nas denominações religiosas católica e evangélica do assentamento, de atitudes relevantes na temática.

Observamos, ao longo do tempo, que no Vale da Esperança o cotidiano revela a prática ecumênica. Relatamos inúmeras falas e depoimentos sobre a importância do bom relacionamento entre as duas igrejas para a harmonia na construção da comunidade. Como dizem com frequência, somos todos filhos de Deus. Optamos por relatar algumas experiências registradas no diário de campo:

Olha minha filha hoje está acontecendo um curso de formação de jovens MST, todos foram convidados, vieram jovens de outros assentamentos e nós gostamos de receber e cuidar bem deles, não importa qual é a religião não, o que vale é a pessoa, a gente faz as coisas com muita vontade para tudo dar certo. (fragmento diário de campo, 4/8/2013)

Aqui a gente não tem estas coisas não, se um irmão da gente precisar a gente ajuda, não importa se é católico ou evangélico. Essa fala foi feita por um assentado católico, que, na festa de aniversário no lócus da pesquisa estava fazendo uma lista de doações para ajudar o pai de uma assentada evangélica que estava doente. (fragmento diário de campo, 29/9/2013).

⁷¹ KUNG, Hans. *Uma ética de sobrevivência*, p. 90-93. Disponível em <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0710445_09_cap_03.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2014.

⁷² BRAKEMEIER, p. 113-122.

Em uma missa realizada na igreja católica na hora dos avisos foi feita a seguinte fala: Nós fomos procurados por uma pessoa que não frequenta as igrejas, mas está com um parente necessitado de alimentos, mas a gente não se importa com isso, vamos montar uma equipe para arrecadar os alimentos, somos todos irmãos, vamos ajudar. (fragmento do diário de campo, 30/3/2014)

Optamos por explicitar essas falas, entre as inúmeras que registramos no diário de campo, entendendo que “ajudar” refere-se à prática da caridade que se revela como característica marcante no brasileiro. Relatamos que o convívio entre as religiões no Vale da Esperança está além desse padrão de conduta. Os laços de amizade são fortes e os rotineiros conflitos entre religiões não se expressam naquela comunidade. A relação de respeito está presente e registrada em vários momentos e práticas de convívio (figura 12).

O cotidiano desses atores sociais se compõe de uma prática de convivência com atitudes reveladoras de harmonia e preocupação com os integrantes da comunidade, independentemente de crença religiosa. Uma senhora evangélica relatou:

Todas as religiões são importantes pode até surgir outra aqui e vai ser bem recebida, tinha uma família que ia fundar outra igreja mas eles resolveram ir embora, se tivesse ficado também teria lugar pra eles o que importa é a gente viver bem ajudando nossos irmãos. (fragmento do diário de campo, 22/9/2013).

Vislumbramos nessa fala a abertura para novas denominações religiosas e a ausência de motivos para a intolerância. Como dizem, o importante é o respeito mútuo e cada um viver bem. Essa receptividade está presente em todos os segmentos sociais, do assentamento Vale da Esperança, uma comunidade aberta a inovações.

É possível que a preocupação com o bem-estar do outro resulte da luta em que todos se envolvem para alcançar conquistas pessoais e coletivas. O convívio com a comunidade faz crer que os indivíduos ali presentes, com suas atividades rotineiras, muitas vezes reveladoras de práticas ecumênicas, ajudam na construção daquele espaço social.



Figura 12: Crianças católicas e evangélicas (festa do dia das mães na igreja evangélica).

2.5 A LEGITIMAÇÃO DO ASSENTAMENTO PELA RELIGIÃO

Observamos e registramos que os assentados do Vale da Esperança veem nas igrejas organizações muito bem sucedidas. Conforme os relatos, as instituições religiosas funcionam como fio condutor das relações entre as denominações religiosas, mas também entre a comunidade, vizinhança e todos os segmentos sociais. Muitas vezes é em função das atividades religiosas externas, em outras comunidades, que o “povo do assentamento ou “sem terra” fica conhecido, como fazem questão de dizer.

As igrejas, com sua atuação em outras comunidades, desempenham papel socializador interessante, colaborando na formação identitária dos sujeitos sociais envolvidos na pesquisa. Para Castells, “Identidade é o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o (s) qual (ais) prevalece (em) sobre outras fontes de significado”.⁷³

Assentamentos rurais são espaços sociais construídos com atores sociais de diferentes origens culturais. O processo de construção identitária da comunidade vai se revelando e sendo legitimado com as ações sociais dos sujeitos sociais no universo de socialização. “A identidade é legitimadora de uma sociedade civil ou conjunto de organização e instituição”,⁷⁴ afirma Castells.

2.5.1 Entrevistas

As anotações no diário de campo e o registro iconográfico não dão conta da vasta teia de informações do assunto pesquisado. Desenvolvemos uma entrevista semiestruturada para completar as informações contidas no diário de campo. Optamos por entrevistar cinco pessoas de cada religião, atores sociais que estão no lócus da pesquisa desde a fundação da

⁷³ CASTELLS, Manoel. *O poder da identidade. Vol. II*. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999, p. 22-24.

⁷⁴ CASTELLS, p. 24.

comunidade do Vale da Esperança. Dentre as cinco entrevistas, nomeamos um sujeito social que se encontrava na condição de meeiro no momento da posse da fazenda, ou seja, já morava no local, e com a estruturação do assentamento, passou a proprietário.

Católicos

Entrevista 1 – A entrevista foi feita com o senhor Pedro, um católico praticante e atuante, como disse, que tem origem na cidade de São Mateus, tem 56 anos, é agricultor e sabe assinar o nome (frequentou o Mobral), não presta serviços a terceiros. Já era católico antes de tornar-se militante do MST. Por onde passou, ajudou a fundar outras igrejas, como em Santa Rosa de Lima (São Mateus). Declara que a religião é tudo para ele. “Sem ela a gente não consegue nada, aqui eu ajudei a construir a nossa igreja. Fiz toda a parte de Lajota e não cobre nada, era pra gente mesmo que eu fazia. No começo nossa vida foi muito difícil, ninguém se aproximava da gente, éramos mal recebidos, mas com o tempo, fomos fundando nossa comunidade, começamos a participar das reuniões, fomos ficando conhecidos, hoje as pessoas nos reconhecem. Tenho uma preocupação com os companheiros, sempre nas reuniões nos preocupamos com o que está acontecendo pra poder ajudar, se tiver algum problema. Gostaria de falar que às vezes fico assustado quando vou em reuniões fora do assentamento, todos falam ao mesmo tempo, aqui não pode ser assim, temos as regras, quando um fala todos têm que ouvir e esperar a sua vez”. Essa fala revela os rígidos padrões de conduta da militância seguidos no lócus da pesquisa.

Entrevista 2 – A entrevista foi feita com Dona Ilma, católica atuante, que se encontrava na condição de meeira e foi assentada, conforme determina a lei. A entrevistada tem 79 anos, é viúva, atualmente frequenta a escola de alfabetização de adultos dentro do assentamento. É agricultora aposentada, diz que sempre foi católica e tem alguns santos de devoção, como Santa Luzia e São Roque, alimentando a religiosidade do católico brasileiro. Para ela, frequentar a igreja é muito importante, é um momento de agradecer, pois tudo que pedimos conseguimos. Dona Ilma ajuda na manutenção da Igreja e entende que isso é muito importante. – “Quando vamos à igreja é muito bom conversamos com as pessoas, aprendemos com a leitura da Bíblia, a gente se sente mais feliz”. Quando perguntamos sobre o convívio entre as igrejas, ela responde que é muito bom, “quando os evangélicos convidam a gente vai, teve um casamento e todo mundo se juntou, teve também primeira eucaristia na nossa igreja e as amigas das crianças que são evangélicas foram para assistir o ritual”. Dona Ilma se revela uma moradora muito atuante na comunidade, existem vários relatos no diário de campo que mostram a sua disposição de ajudar, em todos os eventos ela está presente, dando a sua contribuição, está sempre solidária, participando e ajudando no desenvolvimento das atividades da comunidade.

Entrevista 3 – Dona Eni (conhecida por todos como Chiquita), católica atuante de 66 anos, casada, que veio de São Mateus, agricultora aposentada, disse que sempre foi católica e que quando chegou ao assentamento, tinha uma preocupação em manter a tradição na família, que graças a Deus está conseguindo. Acredita que a religião ajuda a realizar as conquistas. “Deus sabe tudo o que precisamos”. Perguntamos sobre a atuação na manutenção da igreja, ela disse que ajuda participando dos cultos e da manutenção do templo. Atualmente participa do Círculo Bíblico nas casas e está gostando muito porque aproxima as pessoas. Mantendo a tradição da religiosidade brasileira, disse que é devota de São Sebastião. Acredita que a religião é responsável por um melhor relacionamento com as comunidades vizinhas.

Entrevista 4 - Entrevistamos o Senhor Elias, católico de 48 anos, casado, formado no Ensino Médio, veio de Boa Esperança, agricultor, devoto de Nossa Senhora

Aparecida e do Divino Espírito Santo. Disse que é católico desde criança, quando era criança existia uma tradição em sua comunidade: quem não fosse à igreja aos domingos pela manhã não poderia se divertir à tarde. “Assim eu fiz com a minha família, até no acampamento era assim, por isso assim que chegamos aqui logo nos preocupamos com o local para rezar e depois construímos a nossa igreja”. Disse que a igreja e os movimentos sociais caminham juntos. “Fortalece a nossa luta”. Desenvolve várias atividades na igreja, coordenador, animador, canto, entre outras, também é responsável pela manutenção do templo, sempre que precisa de obras. Enfim, contribui com a organização de modo geral. Disse que é na igreja que organizamos muita coisa da comunidade, as atividades desenvolvidas lá fazem a comunidade melhorar, acredita que a religião melhora a convivência entre os moradores do assentamento, “muitas vezes é na igreja que ficamos sabendo se é preciso ajudar alguém e esta também é a função da igreja, mas também temos nossas festas, onde comemoramos e agradecemos”. Acredita que as conquistas pessoais estão ligadas à fé que tem em Deus. “Quando estava acampado eu e minha família rezávamos para conseguir uma boa terra, eram tempos difíceis, passamos muito aperto, era perigoso, mas graças a Deus tudo deu certo”.

Entrevista 5 – Lucimar é professora da Educação Infantil graduada no curso de Pedagogia da Terra, casada, tem 39 anos, veio de Boa Esperança como assentada rural, relata que logo que chegou ao lócus da pesquisa se preocupou com a manutenção da tradição religiosa, já que sempre foi católica e frequentava a igreja, diz que quando não consegue participar do culto aos domingos tem a impressão de que falta alguma coisa, para ela, a religião representa tudo. “Deus é o animador de todas as lutas e é por causa das atividades religiosas que muitas pessoas passaram a ver que sem-terra é gente, pois o preconceito ainda existe, mas já melhorou muito”. Em uma retrospectiva saudosista relata que quando pensa em tudo que já viveu acha que foi mesmo um milagre estar ali hoje e com todas as conquistas já feitas. Diz que a relação entre as pessoas das duas denominações religiosas é boa porque existe muito respeito entre elas.

Evangélicos

Entrevista 1 - Entrevistamos dona Maria, evangélica atuante de 46 anos, casada, que veio de Nova Venécia. Desde a chegada de todos ao assentamento trabalha na escola da comunidade como servente, mas também cultiva a terra como agricultora e cursou o Ensino Médio. Perguntamos sobre a trajetória religiosa: “Antes eu era católica, mas eu não entendia a leitura da Bíblia, aí comecei a ir aos cultos e o pastor me ensinou e eu comecei a entender e frequentar a igreja evangélica e estou até hoje”. Crê que a religião ajuda nas conquistas, disse que orou muito a Deus para conseguir uma “terrinha” com infraestrutura para produzir, “ele me ouviu, a nossa terra é boa e fica perto da nossa casa, ele também me deu ótimos vizinhos”. A entrevistada desenvolve várias atividades na igreja, como regente de círculo de orações, e nas atividades de canto, como seleção dos hinos. Revela que não importa qual é a igreja de que o indivíduo participa, que no assentamento vivem muito bem uns com os outros. Perguntamos sobre religião e a relação com as comunidades no entorno, ela respondeu que é através das visitas que os irmãos fazem às comunidades que as pessoas começam a respeitar e ver que “sem terra” não é “gente ruim”, como muitos pensam.

Entrevista 2 - O entrevistado Regio é um rapaz solteiro de 35 anos, veio de São Mateus, estudou o 1º grau e trabalha como agricultor no assentamento. Antes de ser evangélico era católico, “mas quando vim para cá me identifiquei com os evangélicos, eu aprendi coisas melhores para minha vida”. Revela que atua na igreja como cooperador, ajudando em tudo o que é preciso, e disse que participar da igreja ajuda na tomada de decisões nas questões da vida, “pois o evangélico sabe que tem que apaziguar a situação”. Acredita que as conquistas que fez na vida são em função da religião que frequenta.

Entrevista 3 - Entrevistamos D. Marilene, jovem senhora de 42 anos, casada, agricultora, que frequentou os estudos até a terceira série do ensino fundamental. Já era moradora da fazenda como meeira e passou a ser assentada com a instituição do assentamento. Antes de ser evangélica não frequentava nenhuma religião “direito”, mas agora, que está na Igreja Assembleia, tudo mudou, acha que a fé lhe dá coragem, quando está reunida com os irmãos da igreja fica mais fácil vencer as dificuldades. Revela que a religião une as pessoas dentro do assentamento, não importa qual a denominação, mas sempre deve haver respeito e união. Revela que foi através da religião que as comunidades vizinhas romperam com a barreira da exclusão e “viram que sem-terra é gente”.

Entrevista 4 - Dona Domingas (chamada por todos de Dora), evangélica atuante com 55 anos, casada, que estudou até a quarta série do ensino fundamental, veio de São Mateus trabalhar como agricultora, disse que antes de vir para o assentamento já era evangélica e praticante, pois “mudou o lugar mas a fé era a mesma”, atualmente contribui com todas as atividades da igreja, como a manutenção do templo, círculo de orações e tudo que precisar. Sobre a importância da religião em sua vida, disse que não tem como viver sem fazer parte da igreja, afirma que quem tem Deus na vida tem como viver bem, em união com as pessoas, aprende a viver junto. Entende que não importa qual é a religião da pessoa, o importante é viver bem e respeitar os outros.

Entrevista 5 – Entrevistamos o senhor Audísio (Dilsinho), assentado rural com 48 anos, casado, estudou até a 5ª série, veio de Conceição da Barra e é agricultor. Ele relata que nasceu na igreja católica, mas antes de chegar ao assentamento já era evangélico. Desenvolve na igreja a atividade de tesoureiro e revela que não existe conflito dentro do campo religioso no assentamento. Ao contrário, as religiões ajudam, “em função das regras de conduta aprendemos cada vez mais a respeitar as pessoas, entender que a sua fé é responsável por suas conquistas pessoais e que sem acreditar fica difícil”. Entende que as relações com as pessoas fora da comunidade melhoram por causa da igreja, “pois quando visitamos ou somos visitados, as pessoas reconhecem que somos trabalhadores rurais e vivemos com muita luta e enfrentando desafios como todo mundo”.

2.6 A MÍSTICA NO ASSENTAMENTO

Para Ademar Bogo e Leonardo Boff, mística é uma palavra originada na religião (mistério), revelando-se uma atividade prática no campo simbólico, que representa um sentimento, a esperança de alcançar o sonho, o ideal, a causa da luta. Para eles, o “militante” deve viver por ela, pois a mística não equivale a enigma que, decifrado, desaparece.

“Mistério” designa a dimensão da realidade de carácter definitivamente indecifrável. Cada pessoa é um mistério aberto a novas abordagens. É o mistério vivo e pessoal.⁷⁵

Conforme Coelho, o MST pratica a mística desde as primeiras manifestações⁷⁶ e teve como principais incentivadores os agentes religiosos⁷⁷ que apoiavam e prestavam assessoria ao movimento. Com o tempo a mística foi sendo sistematizada e organizada, ganhando destaque em meio às lutas do MST. A dinamicidade revelada nas práticas da mística contribui com o seu crescimento dentro do movimento, já que preparar a mística independe de padrões determinados, caracterizando uma atividade acessível a todos os espaços e circunstâncias em que os atores sociais se fazem presentes.

A mística acontece nos mais variados lugares e momentos, nos acampamentos, assentamentos, nas reuniões, encontros, congressos, escolas e manifestações do MST. Normalmente sua execução se dá sobre um vasto campo e universo simbólico, desenvolvendo-se harmonicamente com o momento referenciado, sob a forma de teatro, músicas, poesias, apresentações, frutos da terra etc. Os elementos simbólicos são escolhidos aleatoriamente ou programados de acordo com o contexto e a realidade dos atores sociais e suas intenções para o momento da execução.

De acordo com Maia, a mística constitui forte instrumento de conscientização e politização do meio rural.⁷⁸ As letras das músicas convidam à reflexão sobre a condição do trabalhador brasileiro e a prática da mística usada pelo MST como instrumento de formação do militante “sem terra” produz uma identificação do homem do campo com suas tradições rurais. Assim, a prática da mística revela a manutenção da cultura camponesa e um importante instrumento de resistência no campo, capaz de envolver agricultores na causa social da Reforma Agrária.

⁷⁵ Caderno de formação do MST nº 27. *Mística: uma necessidade no trabalho popular e organizado*. Março 1998

⁷⁶ COELHO, Fabiano. *A prática da mística e a luta pela terra no MST*. 2010, p. 284, Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Grande Dourados. Dourados, 2010.

⁷⁷ As CEBs, Comunidades Eclesiais de Base, e a CPT, Comissão Pastoral da Terra, estavam vinculadas à Igreja Católica e conscientizavam os sujeitos sobre a sua condição e o que viviam não era natural. A pobreza e a miséria não eram um legado que tinham que viver para sempre. Usavam uma metodologia baseada no slogan *ver-julgar-agir*, que visava uma reflexão da realidade do sujeito. Havia denominações evangélicas que abordavam as questões do homem no campo e a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), através da Pastoral Popular Luterana (PPL), teve grande atuação nos movimentos sociais rurais no sul do Brasil. (COELHO, p. 64-66).

⁷⁸ MAIA, Lucíola Andrade. *Música, mística e educação do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra – MST*. Anais da 57ª reunião anual da SBPC – Fortaleza, CE – julho/2005. Disponível em: <http://www.sbpnet.org.br/livro/57ra/programas/senior/RESUMOS/resumo_2987.html>. Acesso em: 15 abr. 2014.

2.6.1 A prática da mística no Vale da Esperança

A mística para os sem terra no Vale da Esperança é mais do que um conceito. Está ligada ao seu cotidiano, às suas atitudes diante da grandeza do universo, está pautada no respeito aos “irmãos” do *locus* da pesquisa e a todos que ali chegam ou com os quais convivem fora da comunidade. Nota-se essa atitude em muitos registros no diário de campo, e durante todo o tempo da pesquisa percebemos que a humildade está presente nas relações interpessoais. Para Jung, citado por Miyoshi:

Humildade é a condição para podermos desenvolver a confiança nos outros, enquanto que o orgulho nos isola e nos exclui da comunidade humana. Só podemos experimentar a comunhão com os outros se estivermos dispostos a nos aceitarmos com os nossos erros e nossas fraquezas. Enquanto tivermos que esconder nossas fraquezas, nós só seremos capazes de entrar em contato com os outros de uma maneira superficial.⁷⁹

A humildade nos termos do autor se faz notar no *locus* da pesquisa pelas atitudes observadas por nós em vários momentos dos atores sociais em diversos registros no diário de campo, repletos de anotações sobre a conduta dos indivíduos com gestos de humildade e ausência de orgulho, como esta:

Aqui a gente sempre se preocupa com os nossos irmãos, não importa quem seja você, sabe, a gente é humilde, não tem muita coisa, mas se é preciso a gente ajuda mesmo, nesses dias ficamos sabendo que tinha uma pessoa passando aperto aí ajudamos, a gente não pode ter orgulho, não tem que falar, a gente não sabe do futuro, amanhã pode ser a gente. (fragmento do diário de campo, 25/8/2013).

O desenvolvimento e a preparação da mística no *locus* da pesquisa continuam reverenciando a doutrina a que os atores sociais estão ligados. O universo simbólico apresentado na dinâmica da mística faz memória a tudo o que viveram na conquista da terra e aos sonhos que têm. Compõem a mística no assentamento os frutos da terra, a terra, a água, bandeiras, músicas, poesias, teatro etc. De acordo com relatos a atividade é feita com muito amor e dedicação, para que crianças, jovens, visitantes e todos entendam um pouco de sua cultura, seus agradecimentos e sonhos.

A mística na escola do assentamento contribui com a formação das crianças e se faz presente no calendário de atividades. Em uma visita para assistir à apresentação da mística

⁷⁹ MIYOSHI, Célia Aparecida de Paula. Mística e Psicologia Viagem Rumo ao Centro Místico da Alma em Direção a Deus. *Revista Eletrônica Espaço Teológico*. Vol. 7, n. 11, jan/jun, 2013, p. 21-34. ISSN 2177-952X. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/reveleto/article/view/15687>>. Acesso em: 4 maio 2014.

que abordava a data comemorativa do Dia das Mães, registramos o seguinte depoimento de uma professora:

A mística desenvolvida na Escola tem o objetivo de manter viva a dinâmica de formação do MST, trabalhamos com as datas comemorativas e todos os acontecimentos atuais. Esta semana a mística será preparada em homenagem a D. Tomáz Balduino, que faleceu na sexta feira e era um dos fundadores da CPT, defensor dos trabalhadores sem-terra e dos pobres. O nosso objetivo com a atividade de ensinar as crianças a preparar uma mística é manter a história do nosso povo. (fragmento do diário de campo, 6/5/2014).

Entendemos que a experiência da mística, presente no cotidiano dos assentados, revela que, na utilização desse universo simbólico, encontra-se uma atitude de agradecimento e esperança. A experiência mística busca dar sentido à trajetória da vida e, por meio dela, a uma experiência com o transcendente (figuras 13, 14, 15 e 16).



Figura 13: apresentação de mística



Figura 14: apresentação de mística



Figura 15: apresentação de mística



Figura 16: apresentação de mística

3 A RELIGIÃO E CIDADANIA

Se não pudermos dar um passo no futuro não tem problema: muito caminho foi feito, nossas crianças já não morrem mais de fome e nosso povo conquistou o seu respeito. Naquela sede que escondia pistoleiros hoje é uma escola que funciona sem parar, ali adiante, onde tinha uma porteira, há uma bandeira convidando para chegar.
(Ademar Bogo)

3.1 O PAPEL DA RELIGIÃO NA CONSTRUÇÃO DO ASSENTAMENTO

A ideia de construção se revela desafiadora em espaços sociais como assentamentos rurais. No imaginário de cada sujeito social há um espaço territorial a ser organizado, e no conjunto das intenções de construir e reconstruir, cada indivíduo carrega traços culturais ligados a realidades culturais, sociais, educacionais e a tradições diferentes. Esse conjunto de conhecimentos não se desfaz com a militância e a luta pela terra. Ao contrário, estudos apontam que os sujeitos sociais reconstroem envolvidos pelos traços e laços da tradição. Edificar o espaço do assentamento constitui, portanto, atividade que se desenvolve ao longo do tempo. Os acertos e erros são comuns, o que importa para os atores sociais é a certeza de que a terra conquistada lhes dará condições de desenvolvimento político, econômico e social.

3.1.1 Território e territorialidade

Para Le Berre, citado por Santos, território é a porção da superfície terrestre apropriada por um grupo social, visando assegurar sua reprodução e a satisfação de suas necessidades vitais.⁸⁰ O antropólogo Paul Little define territorialidade como o esforço físico de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de

⁸⁰ SANTOS, Carlos. *Território e territorialidade*. Disponível em: <http://www.albertolinscaldas.unir.br/TERRIT%C3%93RIO%20E%20TERRITORIALIDADE_volume13.html>. Acesso em: 17 maio 2014.

seu ambiente biofísico, convertendo-a, assim, em seu *territorio* ou *homeland* (pátria, em português).⁸¹

Portanto, diante dessa conceituação, percebemos que a construção do espaço territorial parte da conduta de territorialidade do grupo social, já que o território se caracteriza, segundo Little, como o “produto histórico de processos sociais e políticos”.⁸² Nas visitas ao lócus da pesquisa registramos traços marcantes da construção do espaço ocupado pelos atores sociais do Vale da Esperança.

3.1.2 A organização socioespacial do Vale da Esperança

A construção do espaço a ser construído, no assentamento, na visão do MST, não se configura apenas como unidade produtiva, mas acima de tudo representa um núcleo social em que as pessoas desenvolvem um conjunto de atividades comunitárias e individuais na esfera da cultura, lazer, educação e religião, revelando a intenção do movimento de que os assentamentos cumpram a missão histórica de semear mudanças no meio rural.⁸³

Observam-se no lócus da pesquisa características importantes da dinâmica de construção e estruturação do assentamento. Com base nas orientações do MST, analisaremos os registros do diário de campo para entendermos como se deram a organização e a saga dos moradores do Vale da Esperança.

Chegamos aqui com trinta e nove famílias que foram divididas em três grupos, chamados de núcleos de base, depois de separados os grupos foi feito um sorteio para definir a localização de cada família dos três grupos, apenas um optou para trabalhar num sistema que chamam de produção coletiva, onde dividem o sistema de irrigação, por exemplo. O objetivo dessa dinâmica de distribuição está em tornar mais fácil as conquistas do dia a dia, como energia elétrica, produção, recursos para construção das habitações, enfim, melhorias e infraestruturas. Os demais grupos optaram por trabalhar em seus lotes e sítios de forma individual. A opção de trabalhar de forma coletiva é interessante porque estamos juntos para resolver os problemas, mas na hora de desenvolver o plantio cada produtor optou por cultivar o seu lote de forma individual. (fragmento do diário de campo, 17/5/2014).

⁸¹ LITTLE, Paul. *Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade*. Disponível em <http://www.direito.caop.mp.pr.gov.br/arquivos/File/PaulLittle__1.pdf>. Acesso em: 17 maio 2014.

⁸² LITTLE, Paul, p. 4.

⁸³ MST, *Caderno de Cooperação Agrícola* n° 7, 1998, p. 25-26.

Esse registro denota que os traços do homem rural são marcantes no momento do cultivo: mesmo trabalhando coletivamente em alguns segmentos, no momento do plantio cada assentado optou por cultivar a terra conforme seu jeito, confirmando os estudos sobre a organização dos assentamentos rurais, registramos em muitos momentos o convívio harmônico, como dizem. Isso não significa, no entanto, ausência de problemas. A convivência é necessária porque o essencial é que todos vivam bem. As relações pessoais, como em toda construção, são difíceis e complexas, mas o objetivo maior é o bem-estar de cada um, como indica a fala de um assentado rural:

Olha, a gente vive bem, graças a Deus, mas isso foi difícil, quando chegamos aqui tudo era novo, cada um pensava de um jeito e muitas coisas não davam certo, isso mesmo, entre a gente era uma luta, tínhamos que sobreviver e enfrentar as dificuldades dentro e fora do assentamento, você pode ver hoje como tá, o tempo vai mudando, muda até a gente [...] isso mostra como só acreditando em Deus é que tudo vai se ajeitando. (Fragmento do diário de campo, 12/2/2014).

O depoimento revela, na complexidade da construção do espaço territorial, questões como manutenção do espaço, infraestrutura e organização dos assentamentos, desafios a diários. No imaginário dos indivíduos, conquistar a terra, muitas vezes, é o alvo maior. Na realidade a construção é complexa, como afirma Mançano: a contradição, a solidariedade e a conflitividade são relações explicitadas quando compreendemos o território em sua multidimensionalidade. O espaço geográfico contém elementos da natureza e os espaços produzidos pelas relações sociais.⁸⁴

3.1.3 A construção do núcleo de produção

O Vale da Esperança, como já dito, divide-se em agrovilas, ou seja, as áreas onde as casas estão construídas, configurando um pequeno lote para cada produtor chamado de núcleo habitacional. As terras são divididas em sítios com aproximadamente quinze hectares, onde se desenvolvem as atividades agrícolas. Os atores sociais moram na agrovila e se deslocam para os sítios, distantes, muitas vezes, da residência. Anotamos no diário de campo que algumas famílias manifestaram o desejo de morar nos sítios.

⁸⁴ FERNANDES, Bernardo Mançano. Assentamentos como territórios. In: SIMONETTE, Miriam Cláudia Lourenção (organizadora). *Assentamentos rurais e cidadania: a construção de novos espaços de vida*. Marília: Cultura Acadêmica, 2011, p. 178-184.

Os moradores do Vale da Esperança adotaram o cultivo do café como principal produto agrícola, mas mantêm laços com a tradição do lugar de origem, como no caso da pimenta-do-reino, cultivada no norte do Espírito Santo, lugar de origem da maioria dos atores sociais. A tradição do homem rural se mantém no ato de cultivar a terra mesmo em espaços territoriais a serem construídos, como os assentamentos rurais. Atualmente as atividades agrícolas se intensificam e diversificam, como no caso da plantação de melga para a confecção das assim chamadas vassouras caipiras, comercializadas em outras comunidades.

Além da produção convencional, é intensa a produção para o autoconsumo,⁸⁵ que faz parte da história do homem rural brasileiro. Identificamos a importância dessa atividade na fala de uma produtora rural:

Olha, minha fia, aqui no assentamento todo mundo tem a sua hortinha, seu pomar, suas criações, se Deus deu a terra para a gente é pra gente plantar, não é mesmo? Quando nós chegamos aqui não tinha nada, eles tinha boi, tivemos que plantar tudo hoje temos, as frutas, feijão, batata, inhame, o povo planta tanta coisa que a gente nem sabe tudo que tem, depois a gente vai trocando, dá pros amigos, quando vêm visitar a gente, isso é um orgulho pra gente, é uma terra abençoada mesmo. (fragmento do diário de campo, 12/2/2014).

Identificamos na fala da assentada a prática e o sentimento da dádiva na sacralidade⁸⁶ da terra como fonte de vida. A troca é permanente e, como observamos durante as visitas, servir o cafezinho junto com uma merenda é característica marcante, traço da tradição do camponês. A oferta aos visitantes dos produtos obtidos com o trabalho na terra também é frequente, sendo frutas e verduras oferecidas a todos que chegam. Sobre a dádiva, cabe a reflexão de Mauss, comentada por Zuker:

A dádiva é fundamento de toda sociabilidade e comunicação humanas, assim como sua presença e sua diferente institucionalização em várias sociedades analisadas por Mauss, capitalistas e não capitalistas. Ora, o argumento central do Ensaio é de que a dádiva produz a aliança, tanto as alianças matrimoniais como as políticas (trocas entre chefes ou diferentes camadas sociais), religiosas (como nos sacrifícios, entendidos como um modo de relacionamento com os deuses), econômicas, jurídicas e diplomáticas (incluindo-se aqui as relações pessoais de hospitalidade).⁸⁷

⁸⁵ Produção para o autoconsumo é aquela destinada ao consumo diário e contribui com o enriquecimento da dieta alimentar do homem no campo.

⁸⁶ Para Leonardo Boff, o sagrado não é uma coisa, mas uma qualidade das coisas que nos toma totalmente, nos fascina, nos fala ao mais profundo de nosso ser e nos dá experiência imediata de respeito, de temor e veneração. Publicação Jornal A Gazeta, 21 de Janeiro de 2013, Caderno Opinião, p. 15.

⁸⁷ ZUKER, Fabio. *Marcel Mauss: ensaio sobre a dádiva*. Disponível em: <<http://sociologiapublica.blogspot.com.br/2009/07/marcel-mauss-ensaio-sobre-dadiva.html>> Acesso em: 3 jun. 2014.

A troca frequente no Vale da Esperança tem o valor simbólico de gratidão à terra, para os atores sociais uma conquista feita com muito sacrifício e luta, porque, como salientam, esse triunfo representa o início de um novo tempo em suas vidas. Como dizem, só *Deus* sabe o que acontecerá depois que chegarem ao lócus do assentamento. O sistema de trocas e ofertas revela aos convidados e assentados uma forma de socialização com a intenção de comunicar à sociedade o sentimento de dever cumprido, como aponta uma fala:

Aqui no assentamento todo mundo trabalha muito, esta época de *panha* de café é uma loucura, as mulheres fazem todo o serviço de casa e ainda ajudam na colheita, é muito trabalho, mas fazemos isso com muita vontade temos que trabalhar a semana toda porque não tem só o café, temos que cuidar dos quintais, onde tem as frutas, e ainda é época de fazer as hortas caseiras, mas a vida é assim, temos muito a agradecer porque aqui a gente tem problemas, mas o respeito faz a gente viver bem. Não foi sempre assim não, no começo foi difícil, mas agora as coisas estão ficando mais tranquilas. (fragmento do diário de campo, 23/11/2013).

Assim, é pela produção que os assentados expressam o trabalho no cultivo do alimento como grande conquista, significando que toda a trajetória da luta pela terra que fizeram foi válida. O sistema de trocas e ofertas dos produtos cultivados, conforme nossa análise, representa um vínculo com a manutenção e a tradição da cultura do homem rural, expresso na fala de um produtor do assentamento: “Eu sou da terra, eu nasci na terra, antes eu trabalhava na cidade mas eu não era feliz, eu gosto mesmo é de morar na roça”. (fragmento do diário de campo, 21/6/2013).

3.1.4 Dos barracos de lona preta às residências do Vale da Esperança

Os acampamentos de sem-terra representam o caminho vital aos brasileiros expropriados e explorados como meeiros, parceiros, arrendatários, boias-frias, etc. A decisão de morar num barraco de lona preta significa uma nova opção de vida, um momento de luta e de coragem. Construir o *barraco* significa estar no movimento de luta pela terra. Para Sigaud (2005), citada por Loera, “um futuro melhor passa pela lona preta”.⁸⁸

Os atores sociais do Vale da Esperança relatam que a permanência no acampamento na lona preta é tempo de muitos desafios, de muitas expectativas. Como dito, morar no

⁸⁸ LOERA, Naschieli Rangel. Tempo de barraco. In: ROSA, Marcelo Carvalho (organizador). *Greves, acampamentos e outras formas de mobilização social: o legado de Lygia Sigaud para os estudos rurais*. Rio de Janeiro: Rede de Estudos Rurais, 2005, p. 38.

barraco de lona preta significava para eles a esperança de um novo tempo, período que sinaliza para a sociedade a intenção de conseguir uma terra para mudar de vida. Num país como o nosso a Reforma Agrária só acontece com a luta pela terra, que se faz pela conquista por meio dos acampamentos e dos movimentos sociais, na maioria das vezes.

O acampamento (figura 17) foi uma fase difícil e os desafios, ao chegarem à terra conquistada, pareciam ainda maiores, conforme o relato:

Quando chegamos aqui, como em toda fazenda desapropriada, não havia casa pra gente morar e nós nos abrigamos em todos os espaços que existiam (figura 18), às vezes moravam oito famílias num mesmo lugar, muitas construíram as barracas de lona novamente e naquele momento percebemos que nosso desafio era ainda maior, a terra tínhamos conseguido, agora era preciso organizar e isso não é fácil, cada um pensa de um jeito, demora até entendermos a dinâmica de funcionamento, moramos assim durante muito tempo. (fragmento do diário de campo, 17/5/2014).

3.1.4.1 A construção das primeiras moradias

A construção do espaço territorial do Vale da Esperança, como normalmente acontece em todos os assentamentos rurais, de acordo com os estudos, depende de muita luta, como dizem, para conseguir as coisas. Essas dificuldades estão ligadas à ausência de políticas públicas para o pequeno produtor rural brasileiro. A construção das primeiras casas (figura 19) aconteceu conforme depoimento de uma assentada:

O INCRA desapropriou a área e disponibilizou um crédito de dois mil e quinhentos reais por família para comprar o material de construção, a obra deveria ser feita sobre a modalidade de autoconstrução, já que não havia recurso para o pagamento de mão de obra, isso aconteceu depois de mais ou menos um ano que estávamos aqui, a casa deveria manter um padrão de dois quartos, sala, cozinha e banheiro, era uma casa simples, mas representou muito para a gente. (fragmento do diário de campo, 17/5/2014).

Com esse relato observamos as dificuldades dos assentados para conseguir a terra, bem como o lugar para construir a casa e criar a família com dignidade. Vários pronunciamentos retratam esse tempo de construção dos espaços sociais no *locus* da pesquisa. Continuando a entrevista, assentada fala da reforma das casas:

No ano dois mil conseguimos recursos para fazer a reforma das casas. O recurso conseguido veio do INCRA, da Caixa Econômica Federal, com um valor de quatro mil reais, e da CCA (Cooperativa Central dos Assentados do Espírito Santo), que participou com um valor de cinco mil reais. Tivemos que apresentar um projeto arquitetônico, que foi feito junto com as famílias, de acordo com as necessidades de

cada família, foi preciso apresentar também um projeto social onde uma de nossas opções foi construir um parque infantil. Também ficou definido que as fossas sépticas das residências seriam ecológicas, quem realizou esse trabalho foi a FUNASA (Fundação Nacional de Saúde do Espírito Santo). (fragmento do diário de campo, 17/5/2014).

Para Bachelard, citado por Oliveira, a casa é apontada como um dos maiores poderes de integração para os pensamentos, sonhos e lembranças do homem, pois sem a casa ele seria um disperso. A casa é o lugar onde o homem realiza grande parte de seus sonhos, constrói sua família, abriga-se das variações do tempo.⁸⁹ Para Bachelard, a casa é o primeiro mundo do ser humano, um grande berço, mantendo o homem através das tempestades do céu e da vida.⁹⁰

Relatamos a importância da construção das residências em inúmeras falas coletadas no diário de campo:

Olha a construção e reforma das casas deu um salto na qualidade de vida das famílias, as pessoas ficaram muito felizes.

Quando veio a reforma da casa eu nem acreditei, Deus já tinha me dado uma casa, agora ia ficar como eu sempre sonhei.

Agora as pessoas que vêm aqui falam que nossas casas são bonitas, mas só Deus para saber o que passamos [...] naquele tempo da lona preta.

Graças a Deus tenho minha casa, às vezes fico pensando como foi tudo que aconteceu e como tudo está agora.

As residências do Vale da Esperança seguem a orientação do MST⁹¹ no que se refere à aparência e manutenção do espaço físico, com hortas e jardins para o embelezamento, e fogão de lenha. Grande parte das casas mantém a tradição rural (figura 20). Os amigos e visitantes sempre são recebidos com muita atenção. Os assentados recebem visitas na própria casa, sempre com um delicioso cafezinho, bolos, doces e sucos, tudo produzido no sítio, como dizem, orgulhosos de serem produtores rurais.

⁸⁹ BACHELARD apud OLIVEIRA, 2007, p. 56.

⁹⁰ BACHELARD apud OLIVEIRA, 2007, p. 56.

⁹¹ Construindo o Caminho (cartilha do MST)



Figura 17: acampamento em Itaúnas-ES



Figura 18: primeiras moradias (uso da lona preta)



Figura 19: primeiras residências



Figura 20: residência atual

3.1.4.2 A relação com a vizinhança e o respeito às famílias

Manter uma boa relação com a vizinhança é opção de vida. No assentamento essa relação é levada muito a sério. Como os assentados declaram, as relações sociais entre os vizinhos potencializam a otimização nas relações interpessoais. Existe um grande laço de parentesco entre os moradores. Isso não significa que uma família está próxima a outra, pois a construção das moradias foi determinada por sorteio. As visitas aos vizinhos e parentes são sazonais e de acordo com as necessidades e atividades da vizinhança.

Observamos a boa relação entre a vizinhança em inúmeros relatos durante nossas visitas. As reuniões são voltadas à comemoração e à ajuda, se for preciso, conforme alguns registros:

Hoje vou na casa de minha amiga que foi ao médico para saber se foi tudo bem. (Fragmento do diário de campo, 30/3/2014).

Eu já fui convidada pela minha vizinha para tomar um café da manhã com ela, foi muito bom. (fragmento do diário de campo de 23/11/2013)

Olha eu tô muito preocupado com minha amiga, tá na hora de colher o café e ela tá sozinha, vai ter que dar um jeito. (Fragmento do diário de campo, 29/5/2014).

Hoje é domingo, a gente se juntou na casa da vizinha, cada um fez uma coisinha e o almoço vai ser lá. (fragmento do diário de campo, 25/8/2013).

No poema “Às famílias sem terra”, do livro *Cartas de amor*, Bogo expõe:

Somos homens e mulheres transformados em famílias, que fazemos com os pés a própria trilha, avançamos sobre todas as ambições, levamos em nossos corações um puro sentimento de igualdade, queremos terra e uma nova sociedade, para assentar todas as gerações.

Festejamos as conquistas, cuidar da casa, da roça da comunidade é o dever de quem a terra conquistou; para aquele que ainda não chegou, o tempo por enquanto é de zelar, do pátio, da lona, e do lugar, sem desanimar.

Que cada família Sem Terra brasileira acredite que seu grande apetite de lutar, vem da arte de querer conquistar aquilo que esperou a vida inteira.⁹²

3.1.4.3 Fé e esperança construindo o caminho

O nome oficial do assentamento é Tomazzini, mas grande parte dos moradores prefere chamá-lo de Vale da Esperança. Alguns moradores declaram-se indiferentes quanto ao nome do assentamento, mas na realidade, por decisão tomada em reunião com representantes do assentamento, foi encaminhado um pedido ao INCRA para a troca oficial do nome. Entendemos que, para muitos moradores, a palavra esperança se reveste de sentimento e sacralidade:

Olha, minha filha, a gente não pensa só em Vale da Esperança por causa do jeito do lugar não, é que quando chegamos aqui uma coisa, um sentimento, uma fé muito grande fazia a gente ter esperança, nós batizamos este lugar com este nome, parece que a gente, já que tudo ia dar certo, como deu, a gente rezava junto com os amigos e um falava pro outro Deus vai ajudar a gente e nós vamos conseguir e a esperança, junto com a fé, fazia a gente ter coragem [...] e foi assim e é assim até hoje. (fragmento do diário de campo, 5/4/2014).

Observamos nessa fala a expectativa, mas também a certeza pautada na fé e na religião. Segundo Geertz, a perspectiva religiosa é um modo de ver no sentido mais amplo, como significado de discernir, apreender, compreender, entender. É uma forma particular de olhar a vida, uma maneira de construir o mundo.⁹³ Essa particularidade a que o autor se refere revela-se nos atores sociais do *lócus* da pesquisa, na conduta diante dos desafios a serem vencidos, o amor à terra, à família, aos vizinhos, aos animais, às plantas, o respeito a regras

⁹² BOGO, Ademar. *Cartas de amor*. 2008, p. 101.

⁹³ GEERTZ, Clifford, p. 81.

rígidas impostas pela doutrina, enfim um conjunto de fatores comportamentais que conduzem à construção de um espaço social harmônico e promissor.

3.2 CONQUISTAS PESSOAIS E COLETIVAS

Talvez esta seja uma das abordagens mais complexas e desafiadoras deste trabalho, em função da delimitação do espaço para o registro. As conquistas coletivas são amplas, e não devemos deixar de registrar que a maior delas foi a posse da terra depois de longo tempo de acampados. Para que o assentamento se desenvolva e prospere são necessárias regras de convívio e organização interna democrática que criem espaços de conquistas.

Para Leite, os assentamentos são resultado de um processo de luta pela terra, o que implica certo nível de organização e constituição de lideranças.⁹⁴ Identificamos em muitos dos atores sociais os traços fortes e marcantes da liderança herdada da dinâmica da militância, presentes também nas várias formas de organização, como no relato:

No começo nós estávamos divididos em três núcleos e cada núcleo elege dois representantes, um homem e uma mulher, para participar das reuniões que vão decidir a vida do assentamento. Estes representantes fazem reuniões onde levam os anseios das pessoas que representam e lá se discute o que vai ser feito. Coisas como problemas com estradas, transporte, lazer, saúde, enfim, as necessidades de cada momento. Atualmente existem apenas dois grupos orgânicos. (fragmento do diário de campo, 17/5/2014).

As conquistas coletivas se dão mediante a organização da comunidade. Mostraremos o exemplo de uma conquista coletiva de um dos grupos do lócus da pesquisa, cujos moradores têm muito orgulho da decisão que tomaram. Quando chegaram ao local, dedicaram-se à construção de uma barragem (lagoa) com parte do pequeno recurso que receberam. Atualmente essa reserva de água passou a atender ao município vizinho de São Roque do Canaã, que construiu uma segunda barragem para aproveitar a água, atendendo a suas necessidades. Essa postura revela uma das orientações para os assentados, a preocupação com

⁹⁴ SERGIO, Leite. *Impactos regionais da reforma agrária no Brasil: aspectos políticos, econômicos e sociais*. Seminário Sobre Reforma Agrária e desenvolvimento Sustentável. Fortaleza CE. Disponível em: <http://www.nead.gov.br/portal/nead/arquivos/view/textos-digitais/Artigo/arquivo_27.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2014.

as questões ambientais. Destaque-se que o assentamento tem a reserva legal, exigência para as propriedades rurais do Brasil.⁹⁵

Todo o processo de evolução do assentamento se concretiza em função das conquistas dos moradores, entre as quais destacamos alguns fatores de promoção, como a escola da comunidade, o desenvolvimento econômico, o sistema de irrigação, a organização dos espaços sociais e a construção das habitações. Dado o processo intenso de desenvolvimento, as conquistas são diárias, de acordo com os desafios e necessidades do cotidiano.

As conquistas pessoais se intercalam com as coletivas. Cada sujeito social compõe uma rede de conquistas de acordo com seu desenvolvimento pessoal. Como a trajetória de assentados rurais é uma reconstrução constante, continuamente recriando o espaço social, com delimitações e desafios, cada sujeito social contribui com o conjunto trazendo seu próprio percurso de vida.

Como já relatado, são amplas as conquistas no campo pessoal. Atualmente as crianças jovens e os adolescentes têm a oportunidade de estudar e dar continuidade aos estudos, evidenciando um processo de conquista. A escola da comunidade, com a formação das professoras, contribui para o desenvolvimento e formação das crianças; e os trabalhadores rurais frequentemente buscam inovações para o desenvolvimento das atividades agrícolas. Enfim, atualmente o avanço nas conquistas se revela na vivência do cotidiano, como nesta fala:

Olha, minha filha hoje a gente pode dizer que está tudo muito bom, a gente trabalha muito, mas todo mundo tá feliz, tem um futuro melhor, hoje a gente pode dizer que aqui no assentamento não tem ninguém mais pobre. Não vê só? Agora todo mundo tem até o seu carrinho, vê onde a gente chegou, parece até mentira, né, depois de tudo que nós passamos. (fragmento do diário de campo, 5/4/2014).

Atualmente os moradores do Vale da Esperança comemoram uma grande conquista pessoal, que se faz coletiva, conforme o depoimento em um registro no diário de campo:

Hoje nós estamos muito felizes, eu não consigo deixar de agradecer a Deus e a meus amigos porque esta conquista do meu filho, que hoje se formou médico, é uma conquista de todos nós do assentamento, a minha família nunca vai esquecer tudo o que foi feito para ajudar ele a se formar, só mesmo com a ajuda dos amigos e muita fé em Deus, acreditando que ia dar certo, foi que conseguimos formar o nosso filho, um médico. Isso mesmo, o assentamento tem um assentado que é médico. (fragmento do diário de campo, 29/5/2014).

⁹⁵ A Lei 12651/12 estabelece normas gerais como fundamento central de proteção e uso sustentável das florestas e demais formas de vegetação nativa, em harmonia com a promoção do desenvolvimento econômico.

Esse registro foi feito durante uma missa na igreja católica. Ao término, a família, conversando com frei Gersom, pároco da paróquia de Santa Teresa, contou rapidamente a história do filho que agora é médico, e fez um pedido muito importante e revelador: um culto ecumênico de agradecimento, que deverá acontecer em uma festa que estão preparando para o filho: “Tem que ser assim porque os nossos irmãos evangélicos também nos ajudaram muito”. Essa fala revela a convivência e o diálogo entre as denominações religiosas no *locus* da pesquisa. Frei Gersom atendeu ao pedido com muito entusiasmo.

3.2.1 Expectativas, desafios e sonhos no Vale da Esperança

Os assentamentos rurais, como já foi dito, são espaços de desafios sociais construídos ao longo do tempo. Apesar do histórico de conquista, ainda são grandes os desafios: a locomoção se faz por transporte público, em estradas sem pavimentação, em meio às intempéries, o que isola a comunidade, por vezes; as áreas de lazer precisam ser construídas, assim como um posto de saúde com assistência médica no local; o excedente da produção para o autoconsumo poderia ser escoado e comercializado em feiras na cidade, mas não há transporte adequado para essa atividade. A ausência de políticas públicas adequadas à construção de assentamentos rurais é outro desafio no Vale da Esperança.

Portanto, mesmo todo o esforço pessoal e coletivo da comunidade para superação dos desafios é insuficiente, se não se fizerem acompanhar de políticas públicas para o local, com provimento de estradas, transporte e saúde. Estudos revelam que as políticas públicas deveriam ser respostas às necessidades da população, mas no Brasil as políticas públicas para as áreas rurais sempre estiveram voltadas para a elite agrária.

3.3 A RELIGIÃO COMPONDO A IDENTIDADE DOS SUJEITOS

Para Martinazzo, a identidade é um traço característico de cada ser, que permite distinguir indivíduos, grupos e civilizações. A identidade relaciona-se à tradição cultural, política, religiosa, social e econômica a que cada indivíduo pertence. Ela tanto é específica de

cada indivíduo quanto caracteriza o grupo social. A identidade revela-se pessoal e coletiva, distinguindo os seres e as coletividades.⁹⁶

Os assentamentos rurais são territórios conquistados pelos movimentos sociais integrados pelos atores sociais sem terra e são espaços em construção. A territorialização do assentamento representa, para sujeitos sociais, a realização dos sonhos, e as expectativas são inúmeras. As particularidades de cada espaço conquistado revelam-se desafiadoras, como as características geográficas e os fatores sociais, políticos e econômicos da região onde o assentamento está localizado.

Ao longo da pesquisa identificamos que a construção do espaço territorial do Vale da Esperança tem características e processos identitários específicos que particularizam o *locus* da pesquisa. No ato de fazer e refazer, construir e desconstruir, o espaço vai se organizando, com a manutenção das antigas tradições dos camponeses e adaptações à nova realidade. Saberes antigos e novos aprendizados compõem a nova vida.

Os processos identitários construídos no assentamento rural se configuram na reprodução de costumes e tradições que se refazem no novo espaço conquistado. Para o sem terra, sujeito social detentor de traços fortes e marcantes da tradição camponesa brasileira, construir o espaço territorial também significa manter as tradições vividas, e é nesse sentido que apresentaremos o fenômeno religioso e a sua ação na construção do *locus* da pesquisa.

O assentado rural, detentor de valores ligados à terra, à família e à sociedade, traz consigo valores religiosos que vão se organizando no novo espaço social. Estudos revelam a relevância do traço religioso em assentamentos rurais, conforme registrado na cartilha *Construindo o caminho*:

A religião, como os ensinamentos e valores, fazem parte da consciência social dos assentados. Na realidade, as religiões se proliferam, levantam-se igrejas mais rapidamente que os galpões para armazenar produtos e tudo funciona de forma independente, correndo o risco de, em alguns lugares, o que ficar decidido nas Assembleias, acabar sendo modificado na hora do culto.⁹⁷

As entrevistas e anotações no diário de campo atestam a afirmação. Na história do Vale da Esperança percebemos a contribuição da memória e das tradições religiosas na organização dos espaços. Para Torres, as experiências contribuem para a construção e/ou

⁹⁶ MARTINAZZO, Celso José. *Identidade Humana: unidade e diversidade enquanto desafios para uma educação planetária*. Disponível em: <<http://www.uece.br/setesaberes/anais/pdfs/trabalhos/349-07072010-182735.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2014.

⁹⁷ *Cartilha Construindo o caminho*, MST, 2001.

reafirmação da identidade religiosa, englobando nesse processo percepções e memórias de cada indivíduo e do grupo.⁹⁸

De acordo com os registros da pesquisa, os atores sociais das denominações religiosas do Vale da Esperança, Católica e Assembleia de Deus, nunca se afastaram de Deus. Como eles dizem, mesmo nos momentos mais difíceis estavam certos de que tudo ia acabar bem, pois tinham muita fé, o que reafirma a manutenção da memória religiosa, mesmo com as dificuldades enfrentadas para a sobrevivência nos acampamentos.

A construção dos templos se deu juntamente com a estruturação do espaço do assentamento e marca a paisagem local. Para Gil Filho, a identidade religiosa refere-se a uma imagem institucional necessária e demonstra a materialidade da religião e a representação pela qual o indivíduo e o grupo se identificam.⁹⁹ Os depoimentos corroboram essa importância da construção dos templos, na composição da paisagem e na harmonização do espaço do assentamento. Este depoimento ilustra importância dessa conquista:

Hoje tem aqui duas igrejas construídas, elas são feitas com muito suor e trabalho, mas são muito importantes para a gente, elas representam a nossa fé, o nosso povo sempre acreditou que aqui ia dar certo. As igrejas mostram como o nosso povo dá importância para as coisas de Deus, quando é para a igreja ninguém nega nada, todos ajudam e assim elas foram construídas, ainda falta acabar alguma coisa, mas é só uma questão de tempo [...]. (fragmento do diário de campo, 30/3/2014).

Torres afirma que a identidade religiosa constrói-se, e situa a ação do ser religioso dentro e fora do espaço religioso.¹⁰⁰ A identidade religiosa que compôs a nova forma de viver no Vale da Esperança é apontada pelos moradores como um dos fatores de socialização e de construção das relações interpessoais dentro e fora do seu espaço. Uma das temáticas das entrevistas relacionava-se à importância da religião no assentamento. Unanimemente todos responderam que a religião os ajuda no cotidiano e muitas conquistas aconteceram em função do fenômeno religioso. Para elucidar a importância da religião na elaboração da identidade expomos um fragmento das entrevistas respondendo a pergunta: poderia contar um pouco da contribuição da religião nas relações com as comunidades vizinhas?

A igreja ajuda o assentamento a ficar conhecido, desenvolve o relacionamento com as comunidades vizinhas. (Entrevista de 8/3/2014).

É muito importante visitar outras congregações porque sai o título de sem terra as pessoas conhecem a gente e diminui o preconceito. (Entrevista de 8/3/2014).

⁹⁸ TORRES, Marcos Alberto. *As paisagens da memória e a identidade religiosa*. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/raega/article/viewFile/30419/19695>>. Acesso em: 25 jun. 2014.

⁹⁹ GIL FILHO, S. F. *Espaço sagrado: estudos em geografia da religião*. Curitiba: Ibpex, 2008, p. 83.

¹⁰⁰ TORRES, 2013.

Sempre que vou às reuniões da igreja eu coloco como foi difícil a nossa vida, falo que viemos para criar nossos filhos, plantar e colher, ter uma vida melhor, nossa comunidade sempre participa quando é convidada e as pessoas veem que o sem terra é diferente do que pensam. (Entrevista de 5/4/2014).

A igreja ajuda muito a gente, as comunidades vizinhas vêm aqui fazer celebrações e veem que aqui é diferente do que elas pensam, dizem que a gente não era o que eles pensavam, melhora o preconceito. (Entrevista de 8/4/2014).

A religião serve para abrir o diálogo com as outras comunidades, ainda existe uma rejeição, mas de um modo geral já melhorou muito. (entrevista de 14/5/2014).

A religião é tudo, daqui a gente tem uma ligação boa com outras comunidades, acabou um pouco da discriminação por causa da religião. (entrevista de 17/5/2014).

A religião foi o único meio que encontramos para que as pessoas vissem a gente com menos preconceito. (Entrevista de 6/5/2014).

A igreja deu uma apresentação melhor ao sem terra, eles viram que a gente não era o que eles viam na televisão. (Entrevista de 6/5/2014).

A religião atua dentro da comunidade do assentamento como articuladora das relações sociais. A atuação das igrejas em comunidades vizinhas contribui no desenvolvimento social dos atores envolvidos na pesquisa. Os sem terra são vítimas desse comportamento discriminatório citado por várias vezes nos registros da pesquisa, e as construções identitárias melhoram o relacionamento dos assentados com as comunidades com as quais convivem.

Registramos uma das atividades citadas pelos atores da igreja católica. As comunidades de Santa Teresa celebram o santo padroeiro com muito entusiasmo, e nos dias que antecederam à comemoração do santo a comunidade de Nossa Senhora Aparecida do Vale da Esperança foi convidada para fazer um culto na comunidade do Rúdio, localizada a dez quilômetros do assentamento (figuras 21 e 22). Foram recebidos com muito carinho e ao final o animador da comunidade teceu um elogio, dizendo que a comunidade do Vale da Esperança está crescendo e ficando cada dia melhor.



Figuras 21 e 22: celebração católica em uma comunidade da vizinhança

Na Igreja Assembleia de Deus, uma atividade da comunidade do assentamento elucida os depoimentos. Os integrantes da igreja prepararam uma grande festa para comemorar o Dia das Mães. Pastores foram convidados e havia a presença de várias comunidades. A festa foi conduzida pelo pastor, sua esposa e convidados (figuras 23 e 24). Uma pastora convidada manifestou surpresa com o desenvolvimento da comunidade. Ao final das atividades religiosas foram servidos aos convidados quitutes, docinhos e lembranças para as mães, revelando a tradição mantida nas comemorações evangélicas.



Figuras 23 e 24: Festa do dia das mães na comunidade evangélica

A identidade religiosa no Vale da Esperança está em sintonia com a organização dos espaços do assentamento. De acordo com os relatos, as ligações religiosas atuam como forças condutoras do desenvolvimento local e a tradição religiosa mantida pelos moradores articula e engenha a nova vida em novos espaços territoriais cuja pertença religiosa se mostra forte e produtiva.

3.4 A CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA

O processo de construção e desenvolvimento dos assentamentos está ligado a inúmeros fatores internos e externos, como renda, moradia, saúde, educação e infraestrutura, que determinam a estruturação dos assentamentos. Em função desses fatores, cada assentamento rural tem especificidades e os fatores variam das condições do local a políticas públicas e sociais da região.

A luta pela terra e toda a sua trajetória proporcionam uma maturidade política e social muitas vezes difícil de relatar, pois está ligada à pertença ao movimento, como se observa em sentimentos e emoções. No caso do MST, essa pertença mostra-se em costumes

como a bandeira, o boné, a música e a mística, revelando o sentimento da luta pela terra e por melhores condições de vida.

O conceito de cidadania está ligado a direitos e deveres estabelecidos pela constituição do país. Para Simeone, a cidadania é algo a ser buscado e conquistado, não concedido. O autor localiza a cidadania além das determinações da lei, portanto cidadania é busca individual e esforço coletivo contínuo.¹⁰¹

Na consolidação das comunidades de assentamentos rurais a conduta é orientada por regras claras. Na cartilha *Construindo o caminho* estão algumas regras de orientação para a estruturação do assentamento rural no tocante a tópicos específicos: “saúde, política, meio ambiente, trabalho, organização, família, juventude e idosos, educação, mulheres, religião, patrimônio coletivo, pertença ao MST, direção, militância, método, mística, disciplina, ideologia, convivência, valores, estética, cultura e valores históricos da classe trabalhadora”.¹⁰² Observamos ao longo da pesquisa que muitos desses elementos norteiam a estruturação no Vale da Esperança.

A organização dos assentamentos configura-se na estruturação de um novo modo de vida tendo a terra como conquista. O novo desafiador encontra-se repleto de inovações e o novo modelo de vida requer adaptações. Agora não há mais padrão, como relatam, todos são detentores da nova realidade de viver da terra. Nesse contexto são criadas e recriadas várias possibilidades de desenvolvimento do cidadão.

A cartilha *Construindo o caminho* traz um capítulo sobre a disciplina, cujo conceito é muito claro e objetivo no dicionário Aurélio Buarque de Holanda: “Ordem que convém ao bom funcionamento de uma organização social”.¹⁰³ Inúmeras falas denotam a importância da disciplina na organização do Vale da Esperança. Para os moradores a ordem e a disciplina não representam uma obsessão por regras de conduta, mas é ela que garante o alcance dos objetivos políticos e sociais do assentamento. Para o MST, ser disciplinado contribui com a conquista da terra, da reforma agrária e das mudanças sociais.¹⁰⁴

As conquistas dos assentados também se originam de que muitos desses elementos sejam respeitados e as regras de convivência interna e externa se desenvolvam em função desse padrão de conduta, presente em algumas falas:

¹⁰¹ SIMEONE, Márcio. A cidadania como possibilidade. *Diversa: Revista da Universidade Federal de Minas Gerais*. Ano 3- nº 8, 2005. Disponível em: <https://www.ufmg.br/diversa/8/artigo-acidadaniacomopossibilidade.htm>. Acesso em: 25 jun. 2014.

¹⁰² MST. *Construindo o caminho*, MST, p. 191-214.

¹⁰³ MST. *Construindo o caminho*, p. 215.

¹⁰⁴ MST. *Construindo o caminho*, p. 216.

A gente tem que respeitar os outros porque só assim é que conseguimos as coisas, tem que ter paciência e saber a hora certa de fazer as coisas. (fragmento do diário de campo, 21/6/2013).

O respeito aos colegas é muito importante para as coisas funcionarem bem, um precisa respeitar o outro, porque ninguém é melhor que ninguém. (fragmento do diário de campo, 26/4/2014).

Quando a gente recebe o pessoal da prefeitura para fazer as reuniões, eles dizem que gostam de vir aqui porque as coisas são calmas. (fragmento do diário de campo, 4/10/2013).

Os padrões de conduta respeitados no Vale da Esperança, portanto, não se apresentam aos moradores como regras impostas, mas como opção própria e compartilhada, destacando-se que o desenvolvimento alcançado pelos atores sociais estão ligados à organização de vida da comunidade (figura 25).

3.4.1 A cidadania no Vale da Esperança

Cidadania não se compõe basicamente de direitos e obrigações, mas se organiza ao longo da vida. Para Simeone, cada conquista representa uma nova maturidade do cidadão.

Cidadania depende da capacidade de organização e de mobilização dos sujeitos, imbuídos de uma visão de futuro e de uma corresponsabilidade em relação aos rumos, é complementada por uma crença, segundo a qual uma forma democrática de convívio se alicerça na capacidade dos sujeitos de construir relações horizontalizadas, de se expressar como personalidades autônomas e críticas e de romper com as estruturas de opressão.¹⁰⁵

A conquista da terra representa liberdade e autonomia. Os indivíduos emancipados das ditaduras da exclusão têm a oportunidade de alcançar a cidadania pelas ações e pela organização do espaço conquistado. O desenvolvimento da cidadania se configura em práticas individuais e coletivas.

Ao longo da pesquisa vários fatores sinalizam o desenvolvimento da cidadania. Os atores sociais constantemente estão em busca do desenvolvimento do local. Projetos, desenvolvimento econômico e melhorias nas condições de vida revelam que a construção da cidadania não é algo acabado, mas está em constante movimento na produção dos saberes e nas conquistas.

¹⁰⁵ SIMEONE, 2005, p. .

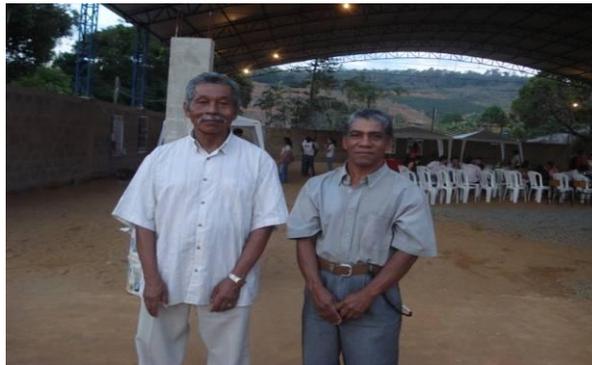


Figura 25: assentados participando de evento no assentamento

3.4.2 Fazer festa para comemorar a cidadania conquistada

“O povo é como as árvores. É dos velhos troncos descendente. Só existirá se continuar a produzir boas sementes. Por isso viver não é uma loucura, é dar continuidade ao trilho da saudade, que vem do passado e vai para a eternidade, através da cultura”.¹⁰⁶

Festejar o aniversário do assentamento representa para os atores sociais mais do que fazer festa. Significa comemorar as conquistas, a liberdade a realização dos sonhos. Como afirma Bogo, é celebrar as tradições mantidas e o futuro, envolvidos na manutenção da cultura (figuras 25 e 26).

A organização da festa começa com antecedência. Sua execução se define em várias reuniões, em que todos podem opinar e participar. Como em toda organização, alguns componentes assumem mais compromissos, de acordo com sua disponibilidade. A dinâmica de funcionamento da reunião tem pauta de atividades e ordem de participação.

Hoje comemoramos mais um ano de nossa história, já são dezesseis anos, tudo deu certo na festa, muita brincadeira e tudo acabou em paz, para comemorar tem que festejar com muito respeito e gratidão a Deus porque esta data não pode ser esquecida, sempre devemos lembrar tudo o que já conquistamos e ainda vamos conquistar, eu tenho certeza disso [...]. (Fragmento do diário de campo, 29/9/2013).

¹⁰⁶ BOGO, 2008, p. 66.



Figuras 26 e 27: Festa de aniversário do assentamento (2013)

3.4.3 Cidadania e religião

Nos assentamentos rurais a cidadania é orientada pelos princípios de ligação com os movimentos sociais. O cotidiano dos assentados rurais se estrutura em enfrentamentos de fatores internos e externos, que, ao longo do tempo, mostram estrutura e amadurecimento para lidar com preconceitos, lutas e desafios, ensejando ao ator social constantes reflexões sobre a sua condição. O desenvolvimento de cada sujeito social proporciona a evolução política, econômica, social e religiosa do grupo.

A Cartilha *Construindo o caminho*¹⁰⁷ esclarece que não há uma religião melhor que outra, podendo todas elas buscar maior coerência com o Deus da vida e da justiça. Nosso desafio é fazer com que as religiões dos assentamentos assumam a sua face libertadora. Não há interferência na opção religiosa dos assentados, mas é imperiosa a necessidade de que as religiões tenham iniciativas que contribuam com o desenvolvimento pessoal e coletivo.

De acordo com Leonardo Boff, o homem é um ser de relações. Somente ele se realiza como sujeito de sua prática, quando acolhe a alteridade do outro, que também é sujeito, e juntos se fazem atores de uma história coletiva.¹⁰⁸ Dessa forma, a religião atua nos assentamentos como articuladora do desenvolvimento individual e coletivo. Para Boff, a cidadania não se faz com a soma de indivíduos unidos ao redor da lei, mas é o conjunto articulado dos sujeitos, cidadão de uma subjetividade coletiva comprometida com o bem comum para os homens e a natureza.¹⁰⁹

¹⁰⁷ MST. *Construindo o caminho*, p. 99.

¹⁰⁸ BOFF, Leonardo. *Ética da vida: a nova centralidade*. Rio de Janeiro: Record, 2009, p. 141.

¹⁰⁹ BOFF, 2009, p. 142.

Relatamos em vários registros as religiões e sua contribuição na cidadania, no lócus da pesquisa. Uma das questões tratadas nas entrevistas relacionava-se ao desenvolvimento pessoal e coletivo em função da denominação religiosa. Todos afirmaram que a convivência religiosa melhora a vida dentro e fora do lócus da pesquisa. Ames destaca, em seu artigo, que, no pensamento de Maquiavel, o que confere o valor de determinada religião não é a importância do seu fundador, o conteúdo dos ensinamentos, a verdade dos dogmas ou a significação dos ritos, mas sua função e importância para a vida coletiva.¹¹⁰

A pesquisa de campo assinala as religiões no Vale da Esperança como articuladoras e construtoras dos sujeitos, destacando-se no desenvolvimento coletivo do assentamento. Os relatos e observações das atividades das duas igrejas, católica e Assembleia de Deus, leva à conclusão de que as decisões políticas, sociais e econômicas interligam-se ao fenômeno religioso pesquisado no assentamento.

¹¹⁰ AMES, José Luis. Religião e Política no Pensamento de Maquiavel. *Kriterion: Revista de Filosofia*. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-512X2006000100003&script=sci_arttext>. Acesso em: 27 jun. 2014.

CONCLUSÃO

Este estudo ensejou o conhecimento das vivências e do cotidiano do assentamento rural localizado no município de Santa Teresa ES. A observação e a análise do dia a dia dos assentados e especialmente as atividades religiosas do *locus* da pesquisa contribuíram no entendimento do funcionamento das duas denominações religiosas do assentamento (católica e Assembleia de Deus), ambas com templos construídos. A orientação e o diálogo com os autores literários e pesquisadores proporcionaram o entendimento do caminho metodológico escolhido, que consistiu na observação do dia a dia dos assentados, compondo o diário de campo, bem como em entrevistas procurando descrever o funcionamento das religiões dentro do cotidiano dos atores sociais envolvidos na pesquisa.

A convivência com os atores sociais proporciona o entendimento de importantes fatos que nos fazem refletir sobre a história agrária do Brasil e especialmente o processo de construção do movimento social de luta pela terra e a trajetória dos assentados na construção do novo modo de vida no assentamento. Entendemos como a ausência de políticas públicas adequadas às realidades dos assentamentos torna a vida do assentado uma espécie de batalha pela sobrevivência, com desafios constantes.

No entanto os assentamentos representam um ponto de chegada e de partida. Como declaram os atores sociais, “esta era a nossa terrinha e aqui a gente vai ter que viver”. De acordo com os relatos, assim tem sido, e ao longo dos anos foi sendo recriado o espaço do assentamento, em que a vida pessoal engenha a superação coletiva. No Vale da Esperança a condição de assentados contribuiu para o desenvolvimento político, social e econômico dos atores sociais. Inúmeros relatos do diário de campo e entrevistas fizeram entender que a vida agora está muito melhor, o que se observa nas falas: “Aqui no assentamento a gente pode dizer que não tem mais pobre não, aquele que passa aperto aqui não tem.” “A vida da gente melhorou muito, antes, para sair daqui, só a pé, agora todos têm seu carro ou moto”. Muitas foram as observações que revelam a prosperidade do local.

O sonho da conquista da terra para os atores sociais representa também a reconquista das tradições culturais do homem do campo, que, expulso pelo modelo político brasileiro, retoma, na conquista da terra, o modo de vida rural. Na expressão poética de Bogo, para um militante, conquistar a terra é sonhar com a vida, com respeito e igualdade, com um mundo não dividido, sonhar em fazer do sonho um grande acontecimento, onde os dedos se cruzando,

segurem a delicadeza e, acalentem a pureza de quem sonha, mas lutando.¹¹¹ Assim é a vida do assentado rural: sonha com a conquista da terra e depois sonha com a terra como útero de sua identidade social.

A construção do espaço social do assentamento se estruturou sobre as orientações do MST e do INCRA, sendo os espaços divididos entre núcleo habitacional, área social e núcleo de produção. Os registros iconográficos dão conta da composição de uma nova paisagem, onde o processo de territorialização configurou nova roupagem. As áreas de produção estão todas cultivadas; as residências do núcleo habitacional são cercadas por pomares e jardins; e na área social se localizam a escola, as igrejas e os espaços para eventos. Tal é o lócus da pesquisa. Os atores relatam que ainda falta muita coisa para ser feita, mas tendo em vista a situação de onde vieram, já conquistaram muito.

A pesquisa investigou o fenômeno religioso e como se dão as relações religiosas no decorrer de todo esse processo de construção. Entendemos como o traço religioso se manteve forte no Vale da Esperança, ao longo dos anos, com os inúmeros relatos sobre a importância da fé e crença em Deus para superar os desafios do cotidiano. Tais depoimentos nos fazem crer que as religiões desempenham papel fundamental na articulação do cotidiano dos atores sociais.

Rubem Alves, em *O que é religião*, aborda a fé e seus efeitos no cotidiano dos homens:

Aos fiéis pouco importa que suas idéias sejam corretas ou não. A essência da religião não é a idéia, mas a força. O fiel que encontrou comunhão com o seu Deus não é meramente um homem que vê novas verdades que o descrente ignora. Ele se tornou mais forte. Ele sente, dentro de si, mais força, seja para suportar os sofrimentos da existência, seja para vencê-los.¹¹²

Assim orientados, entendemos que o fenômeno religioso no Vale da Esperança dialoga com a constituição dos espaços sociais e da identidade dos atores sociais pesquisados. A fé atua como responsável pelas conquistas, como dizem: “Sem a religião e a fé em Deus não somos nada”. A religiosidade firmada no erguimento dos templos do Vale da Esperança revela o papel da religião como agente da dinâmica do dia a dia dos assentados.

Identificamos a potencialidade da religião no Vale da Esperança como agente de socialização, dado o diálogo inter-religioso registrado em muitos relatos dos atores sociais. A vivência religiosa embasada nas práticas do cotidiano e observadas em atitudes como

¹¹¹ BOGO, 2008, p. 20.

¹¹² ALVES, Rubem. *O que é religião*. 14 ed. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 64.

caridade, fraternidade e solidariedade ilustra o papel relevante das religiões no espaço político, social e econômico do Vale da Esperança.

No plano político e social identificamos a importância da religião nas relações com as comunidades vizinhas. No relato dos atores sociais o reconhecimento dessa vivência e de suas conquistas é frequente. As relações entre igrejas do assentamento e comunidades vizinhas se ajustam em decorrência da dinâmica de atividades como convites para festas, cultos e círculos bíblicos. Diante desses fatos entendemos que o fenômeno religioso legitima a construção das relações sociais, desempenhando um papel socializador na construção do espaço social do Vale da Esperança.

Enfim, este trabalho, longe de esgotar os temas da pesquisa, proporcionou a abertura para novos projetos. A vivência, a educação, o cotidiano, as lutas, a história de vida dos atores sociais e a militância possibilitam inúmeros campos de pesquisa. E a história do assentamento Vale da Esperança constitui um desafio para estudo de questões relevantes da história agrária do Brasil, contribuindo com o processo de construção de políticas públicas adequadas à organização e estruturação de assentamentos rurais no Brasil.

4 REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. *O que é religião*. Ed. 14. São Paulo Brasiliense. 1991

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith e GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira, 1998.

AMES, José Luis. Religião e Política no Pensamento de Maquiavel. *Kriterion: Revista de Filosofia*. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-512X2006000100003&script=sci_arttext>. Acesso em: 27 jun. 2014.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 1995.

ARAÚJO, V. C de. *Introdução à metodologia científica*. Vitória: UFES/NE@AD, 2009. p.65.

BITTENCOURT Filho, José. *Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social*. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Koinonia, 2003, 260 p.

BOBSIN, Oneide; LINK, Rogério Sávio; PAZ, Nivia Ivette Núñez de La; REBLIN, Andrés Reblin. (Orgs.), *Uma religião chamada Brasil: estudos sobre religião e contexto brasileiro*. São Leopoldo: Oikos; Faculdades EST, 2012. 258p.

BOFF, Leonardo. *Ética da Vida. A nova centralidade*. Rio de Janeiro: Record, 2009, 175 p.

BOFF, Leonardo; BETTO, Frei; BOGO; Ademar. *Valores de uma prática militante*. Cartilha Nº 9, São Paulo: Consulta Popular, 2000.

BOGO, Ademar. *Cartas de amor*. Setor de Formação do MST: 2. ed. 2008, p. 15.

BRAKEMEIER, Gottfried. *Preservando a unidade do espírito no vínculo da paz: um curso de ecumenismo*. São Paulo, ASTE. 2004.

BURMANN, Claudir. *Espaço e espaço sagrado: um olhar a partir de uma comunidade luterana*. 2009. Disponível em: <http://www3.est.edu.br/nepp/revista/019/ano08n2_06>. Acesso em: 20 set. 2013.

Caderno de formação do MST nº 27. *Mística: uma necessidade no trabalho popular e organizado*. Março 1998

Cadernos de Pesquisa, n.115, p.139-154, março/2002. BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

CALDART, Roseli Salette. *Pedagogia do Movimento Sem Terra*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 240-241.

CASTELLS, Manoel. *O poder da identidade*. Vol. II, Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. Paz e Terra, São Paulo, 1999, p. 22-24.

COELHO, Fabiano. *A prática da mística e a luta pela terra no MST*. 2010 Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Grande Dourados. Dourados, 2010.

COMBLIN, José. *Desafios aos Cristãos do Século XXI*. São Paulo: Paulos, 2000. 49 p.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. *Construindo o caminho*: Ed.: julho de 2001.

DUARTE, Rosália. *Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo*. São Paulo: Atlas, 2006.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e Profano. A essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. P. 20.

FERNANDES, Bernardo Mançano. *A Formação do MST no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2000.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Assentamentos como territórios. In: SIMONETTE, Miriam Cláudia Lourenção (organizadora). *Assentamentos rurais e cidadania, a construção de novos espaços de vida*. Marília: Cultura Acadêmica. 2011, p. 178-184.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. *O que é análise de conteúdo*. Brasília, Líber Livro, 2. ed., 2005.

FREIRE, Paulo. *Paulo Freire: um educador do povo*. 3. ed. ANCA, 2002.

FREITAS, Cesar Gomes de. Desenvolvimento Local e Sentimento de Pertença na Comunidade de Cruzeiro do sul Acre. Disponível em: <<http://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/8058-desenvolvimento-local-e-sentimento-de-pertenca-na-comunidade-de-cruzeiro-do-sul-acre.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2014. Portaria nº 92/2013-SDH/PR, de 25 de janeiro de 2013, instituiu o Comitê Nacional da Diversidade Religiosa.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC. 2014 P.

GIL FILHO, S. F. Espaço Sagrado: *Estudos em geografia da religião*. Curitiba: Ibpeex, 2008.

GIRARD, Eduardo Paulon. Espaço geográfico e espaço territorial: conceito-chave para a geografia. *Atlas de Questão Agrária brasileira*. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/nera/atlas/espaco_territorio.htm>. Acesso em: 22 out. 2013.

KUNG, Hans. O grande defensor de um novo paradigma religioso e da nova ética mundial. *Jornal Despertar*, 5 mar. 2011. Disponível em: <<http://jornaldespertar.blogspot.com.br/2011/03/hans-kung-o-grande-defensor-de-um-novo.html>>. Acesso em: 8 maio 2014.

KUNG, Hans. *Uma ética de sobrevivência*. Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0710445_09_cap_03.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2014.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia científica*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

LIMA, Rodrigo Santos de. VARGAS, Maria Augusta Mundim. A Festa de Nossa Senhora Aparecida no Bugio Aracajú/SE: sentidos, ritmos e formas. XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais Diversidades (Des) Igualdades, Salvador, 7 a 10 de agosto de 2011 Universidade Federal da Bahia (UFBA). Disponível em: <http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308321400_ARQUIVO_SentidosCONLABRodrigo-MA-1.pdf>. Acesso em: 6 fev. 2014.

LITTLE, Paul. *Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade*. Disponível em: <http://www.direito.caop.mp.pr.gov.br/arquivos/File/PaulLittle__1.pdf>. Acesso em: 17 maio 2014.

LOERA, Naschieli Rangel. Tempo de barraco. In: ROSA, Marcelo Carvalho (organizador) *Greves, acampamentos e outras formas de mobilização social: o legado de Lygia Sigaud para os estudos rurais*. Rio de Janeiro: Rede de Estudos Rurais, 2010, p. 33-60.

LUDKE, Mengar; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *A pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: E.P.U, 1986.

MAFRA, Clara. Casa dos homens, casa de Deus. *Análise Social*, vol. XLII (182), (145-161). Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218648939Y2vZP5nl0Yb25EF1.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2014.

MAIA, Lucíola Andrade. Música, mística e educação do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra – MST. In: 57ª REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 2005, Fortaleza. Disponível em: <http://www.sbpcnet.org.br/livro/57ra/programas/senior/RESUMOS/resumo_2987.html>. Acesso em: 15 abr. 2014.

MAIA, Pedro Américo. História das Congregações Marianas no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, p. 38. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=50yMVUVKf5gC&pg=PA20&lpg=PA20&dq=artigo+cient%C3%ADficos+sobre+o+marianismo+no+brasil&source=bl&ots=t8G3LR000q&sig=TSbzShaTh2h2_6lzwJMSI9KwmP0&hl=pt-BR&sa=X&ei=d-YiU8LyBMigkAel44AY&ved=0CGQQ6AEwCA#v=onepage&q=artigo%20cient%C3%ADficos%20sobre%20o%20marianismo%20no%20brasil&f=false>. Acesso em: 14 mar. 2014.

MARTINAZZO, Celso José. *Identidade humana: unidade e diversidade enquanto desafios para uma educação planetária*. Disponível em: <<http://www.uece.br/setesaberes/anais/pdfs/trabalhos/349-07072010-182735.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2014.

MARTINS, Gilberto de Andrade. *Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MOVIMENTO DOS SEM TERRA - MST. *Caderno de Cooperação Agrícola* nº 7, 1998, p. 25-26.

MIYOSHI, Célia Aparecida de Paula. Mística e Psicologia Viagem Rumo ao Centro Místico da Alma em Direção a Deus. *Revista Eletrônica Espaço Teológico*. Vol. 7, n. 11, jan/jun, 2013, p. 21-34. ISSN 2177-952X. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/reveleto/article/view/15687>>. Acesso em: 4 maio 2014.

OLIVEIRA, Marcelo Leles Romarco de. *Retratos de assentamentos: um estudo de caso em assentamentos rurais formados por migrantes na região do entorno do Distrito Federal*. 2007 Tese (Doutorado) Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Agricultura e Sociedade (CPDA). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 172 p.

OTTO, Rudolf. *O sagrado: um estudo do elemento não-racional na ideia do divino e a sua relação com o racional*. (tradução: Prócoro Velasquez filho). São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985.

PEREIRA, José Carlos. *Religião e exclusão social: a dialética da exclusão e inclusão nos espaços sagrados da igreja católica na metrópole*, Aparecida: Santuário, 2009.

PIZETTA, Adelar João. *A questão agrária e o MST no Espírito Santo: Fundação Pequeno – Holanda, Cartilha*, 1999, 54 p.

RIBEIRO, Lidicy Meier Pinto. *A igreja: espaço sagrado reorganizador do mundo*. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/11822>>. Acesso em: 25 nov. 2013.

SANTOS, Carlos. *Território e territorialidade*. Disponível em: <http://www.albertolinscaldas.unir.br/TERRIT%C3%93RIO%20E%20TERRITORIALIDADE_volume13.html>. Acesso em: 17 maio 2014.

SCHOLZ, Vilsom. 20º CONGRESSO NACIONAL DE LEIGOS: UM SÓ CORAÇÃO COM CRISTO E A IGREJA. EFÉSIOS 3. 14-18. Disponível em: <<http://www.lslb.org.br/?link=noticias&id=59>>. Acesso em: 13 mar. 2014.

SERGIO, Leite. Impactos regionais da reforma agrária no Brasil: aspectos políticos, econômicos e sociais. In: SEMINÁRIO SOBRE REFORMA AGRÁRIA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL. Fortaleza CE. Disponível em: <http://www.nead.gov.br/portal/nead/arquivos/view/textos-digitais/Artigo/arquivo_27.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2014.

SIMEONE, Márcio. A cidadania como possibilidade. *Diversa: Revista da Universidade Federal de Minas Gerais*. Ano 3, n. 8, 2005. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/diversa/8/artigo-acidadaniacomopossibilidade.htm>>. Acesso em: 25 jun. 2014.

SINNER, Rudolf Von. (organizador). *Missão e ecumenismo na América Latina*. São Leopoldo: Sinodal, 2009.

TORRES, Marcos Alberto. *As paisagens da memória e a identidade religiosa*. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/raega/article/viewFile/30419/19695>>. Acesso em: 25 jun. 2014.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 2. ed. Porto Alegre: Alegre: Bookman, 2001.

ZUKER, Fabio. *Marcel Mauss: ensaio sobre a dádiva*. Disponível em:
<<http://sociologiapublica.blogspot.com.br/2009/07/marcel-mauss-ensaio-sobre-dadiva.html>>.
Acesso em: 3 jun. 2014.

5 ANEXOS

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA:

Identificação

Nome:

Idade:

Sexo:

Estado civil:

Escolaridade:

Origem:

Função atual:

Presta serviços a terceiros:

Caracterização religiosa:

- 1) Por favor, diga-me qual é sua religião? Evangélico, Católica, outra:
- 2) Caso seja católico, quais ou qual é seu santo de devoção, se tiver?
- 3) Caso seja evangélico, qual é a sua denominação religiosa?
- 4) Estamos interessados em saber se antes de assentado, tinha alguma religião. Qual foi o motivo que levou você a participar de uma religião dentro do assentamento?
- 5) Você acha importante sua atividade religiosa? Qual seria o papel dessa religião na sua vida como assentado rural? Você faz algum trabalho na igreja?
- 6) Agora gostaria que você me dissesse se a religião contribui com as relações sociais dentro do assentamento.
- 7) Poderia contar um pouco sobre a contribuição da religião nas relações com as comunidades vizinhas?
- 8) Qual a sua ideia das relações com os amigos do assentamento? É melhor em função de sua religião?

- 9) Gostaríamos de saber se você entende que as conquistas feitas na sua vida estão relacionadas à fé que tem.

- 10) Qual a sua ideia do fato de que os moradores do assentamento preferem o nome Vale da Esperança?

RELATOS DO DIÁRIO DE CAMPO:

O diário de campo possui 41 páginas, porém não foi possível anexar no arquivo digital por exceder o limite para envio nesta plataforma. Encontrando-se disponível na versão impressa nas dependências da Faculdade Unida.